



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL

MÁRCIA MARIA DE OLIVEIRA

**A CONCORDÂNCIA VERBAL E A INTERAÇÃO ESCRITA NO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA**

FORTALEZA

2023

MÁRCIA MARIA DE OLIVEIRA

A CONCORDÂNCIA VERBAL E A INTERAÇÃO ESCRITA NO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48c Oliveira, Márcia Maria de.
A concordância verbal e a interação escrita no ensino fundamental : uma abordagem sociolinguística /
Márcia Maria de Oliveira. – 2023.
120 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
graduação Profissional em Letras, Mestrado Profissional em Letras, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Maria Silvana Militão de Alencar.

1. Concordância Verbal. 2. Sociolinguística. 3. Gramática. I. Título.

CDD 400

MÁRCIA MARIA DE OLIVEIRA

A CONCORDÂNCIA VERBAL E A INTERAÇÃO ESCRITA NO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

Dissertação apresentada ao Mestrado
Profissional em Letras em Rede Nacional, da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Letras. Área de concentração: Linguagens e
Letramentos.

Aprovada em: 05/07/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Glauber Lima Moreira
Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

Dedico este trabalho a Deus e a Nossa
Senhora de Fátima, que me deram a força e a
oportunidade de progredir em minha formação.

AGRADECIMENTOS

Levando em consideração a produção deste trabalho de pesquisa, juntamente as circunstâncias de realização em um período atípico no nosso país, onde a pandemia do Coronavírus modificou as formas de interação social, não poderia deixar de agradecer a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para que eu conseguisse alcançar esta vitória tão importante. Primeiramente, a Deus, que me concedeu esta oportunidade e me proporcionou esta incrível experiência de crescimento profissional e pessoal, dando-me muita força e fé durante este intenso percurso.

À minha família, em especial, à minha mãe, Maria do Socorro de Oliveira Leite, aos meus amigos por todo o incentivo e apoio de sempre, ao longo da minha formação, especialmente nos momentos em que precisei me ausentar de nossas convivências e me dedicar aos estudos.

À minha atenciosa, serena e comprometida orientadora, professora Maria Silvana Militão de Alencar, que acreditou no meu trabalho, guiando-me habilidosamente por meio da sua delicadeza, da sua compreensão e da sua disponibilidade e, acima de tudo, oferecendo-me possibilidades de importantes aprendizados.

Aos professores da turma 7 de Mestrado Profissional em Letras da UFC, pelos conhecimentos compartilhados que tiveram um valor singular na minha formação e pela compreensão diante das dificuldades enfrentadas durante o processo de escrita da dissertação, já que o momento social do mundo era peculiar e tivemos que alterar muitos pontos no nosso percurso.

Às colegas da turma 7 do PROFLETRAS-UFC, pela rede de ajuda formada de maneira on-line, mas bastante acolhedora, proveitosa e divertida e também pelas reflexões compartilhadas. Agradeço pela parceria e pelas contribuições – inclusive com materiais para estudo – e também pelos momentos de descontração durante nossos poucos, porém divertidos encontros. Aos colegas de outros cursos e/ou de programas que participaram das aulas com a nossa turma, pois só vieram somar com suas participações.

À coordenadora do PROFLETRAS-UFC, e nossa querida professora Áurea Zavam, pelo acolhimento, importância e pelo incentivo dados a nossa turma e pela atenção oferecida a nós, principalmente em momentos decisivos para o curso e até mesmo pela preocupação com nossos problemas pessoais. Sua sensibilidade, competência e sabedoria foram inesquecíveis e fundamentais para conclusão dos trabalhos.

À secretária do PROFLETRAS-UFC, Ana Cristina, pela assistência e pela atenção dedicadas à nossa turma. Sempre eficiente e solícita nos informou e orientou para que não perdêssemos nenhum prazo importante.

Aos meus familiares e amigos, que torceram por mim durante todo o período do curso e me repassaram mensagens de incentivo para que eu conquistasse este título, mesmo com a intensa rotina de dois turnos de trabalho em duas escolas.

RESUMO

A concordância verbal, que é o foco deste estudo, está relacionada a uma boa comunicação, já que harmoniza os elementos de um enunciado. Primeiro, vamos abordar a concordância verbal a partir da visão da gramática normativa, doravante GN, já que a Sociolinguística parte de discordâncias a essa visão para estabelecer a sua. Em seguida, conheceremos melhor a visão variacionista da língua e a abordagem da concordância verbal de acordo com essa visão. Moura (2007) procura destacar a variação a fim de que a concordância entre sujeito e verbo possa ser abordada de maneira adequada nas escolas, segundo os pressupostos sociolinguísticos. O estudo presente baseia-se em uma abordagem sociolinguística sobre a escrita nos gêneros estudados nas salas de aula do 6º e 7º ano, focando nas inadequações da concordância verbal em atividades escritas produzidas por alunos do Ensino Fundamental dos anos finais. As dificuldades dos estudantes em escrever textos com a concordância verbal adequada é o que precisamos conhecer para que um trabalho nesse sentido seja feito. Compreender o porquê da ausência de conhecimento das conjugações verbais e seu encaixe na escrita é o que instiga nossa pesquisa, assim como achar soluções para que essa dificuldade seja trabalhada de forma que conscientemente os alunos verifiquem importância de uma escrita coerente verbalmente para sua interação. Ao escolher essa linha de estudos, é de grande relevância reconhecer o contexto social da escrita. A realidade linguística do Brasil é plural, variável e heterogênea. Ao mesmo tempo que temos a variedade padrão, a variedade não-padrão é presente e a necessidade de que essa variável seja reconhecida, trabalhada e valorizada é importante. Despertar nos alunos o interesse por escrever adequadamente, mas sem abandonar suas marcas discursivas é um dos objetivos desse estudo, assim como inserir comportamentos de reflexão e pesquisa no momento da escrita, tendo a consciência da sua origem social e da importância de saber como, quando e para quem escrever. Os resultados obtidos após essa pesquisa nos mostraram que trabalhar a concordância verbal aliada à sociolinguística pode facilitar a compreensão do conteúdo pelos alunos, já que um estudo funcional da gramática analisa a interação real, com aspectos próprios dos falantes. Dentre os muitos estudos que trabalham a concordância verbal e a Sociolinguística, destacamos como suporte teórico para essa pesquisa: Marcel Cohen (1956); Tullio Mauro (1963); Naro & Lemle (1976); Guy (1981); Naro (1981); Nicolau (1988); Cardoso (2005); Labov (2008) e Bagno (2013).

Palavras-chaves: concordância verbal; sociolinguística; gramática; ensino de língua portuguesa.

ABSTRACT

The verbal agreement, which is the focus of this study, is related to a good communication, as it harmonises the elements of an utterance. First, let's approach the verbal agreement from the perspective of the normative grammar, henceforth NG, as Sociolinguistics starts from disagreements with this vision to establish its own. Then, we will better know the variationist vision of the language and the approach to verbal concordance according to this view. Moura(2007) tries to highlight the variation so that the concordance between subject and verb can be adequately addressed in schools, according to the sociolinguistic assumptions. The present study is based on a sociolinguistic approach to writing in the genres studied in 6th and 7th grade classrooms, focusing on the inadequacies of verbal agreement in written activities by primary school students in the final years. The students' difficulties in writing texts with adequate verbal agreement is what we need to know so that work in this Direction is done. Understanding the reason for the lack of knowledge of verb conjugations and their fit in writing is what instigates our research, as well as finding solutions for this difficulty to be worked on so that students consciously verify the importance of verbally coherent writing for their interaction. When choosing this line of study, it is of great importance to recognise the social context of writing. The linguistic reality of Brazil is plural, variable and heterogeneous. While we have the standard variety, the non-standard variety is present and the need for this variable to be recognized, worked on and valued is important. Awakening in students an interest in writing properly, but without abandoning their discursive marks is one of the objectives of this study, as well as inserting reflection and research behaviour at the time of writing, being aware of their social origin and the importance of knowing how, when and to whom to write. The results obtained after this research showed us that working verbal agreement allied to sociolinguistics can facilitate the understanding of the content by the students, since a functional study of grammar analyzes the real interaction, with aspects of the speakers themselves. Among the many studies that work on verbal agreement and Sociolinguistics, we highlight as theoretical support for this research: Marcel Cohen (1956); Tullio Mauro (1963); Naro & Lemle (1976); Guy (1981); Naro (1981); Nicolau (1984); Cardoso (2005); Labov (2008) e Bagno (2013).

Keywords: verbal agreement; sociolinguistics; grammar; portuguese language teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNE	Conselho Nacional de Educação
CV	Concordância Verbal
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EF	Ensino Fundamental
GN	Gramática Normativa
GT	Gramática Tradicional
LP	Língua Portuguesa
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCN	Parâmetro Curricular Nacional
PB	Português Brasileiro

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Idades e turmas de alunos a serem investigados.....	48
QUADRO 2 – Explicação sobre linguagem formal e informal.....	50
QUADRO 3 – Primeira atividade diagnóstica.....	51
QUADRO 4 – Segunda atividade diagnóstica.....	52
QUADRO 5 – Terceira atividade diagnóstica.....	53
QUADRO 6 – Quarta atividade diagnóstica.....	54
QUADRO 7 – Sétima atividade diagnóstica.....	59

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Esquema de análise de erro.....	30
FIGURA 2 – Placa “A mensagem das placas ajudam a salvar vidas”	56
FIGURA 3 – Placa “Atenção neste brinquedo todos paga”	57
FIGURA 4 – Placa “Solicitamos aos clientes e visitantes por favor não colocarem sobre os jazigos flores artificiais e caso não lhes pertença não tocar nas orquídeas”	57
FIGURA 5 – Sujeito e seus respectivos verbos em manchetes.....	60
FIGURA 6 – Manchete com concordância verbal.....	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
2.1	A origem da escrita.....	18
2.2	A história da formação da língua portuguesa.....	19
2.3	A língua no aspecto sociocultural.....	20
2.4	A linguagem oral e a linguagem escrita.....	22
2.5	A importância da escola no desenvolvimento da escrita adequada.....	25
2.6	A Teoria da Variação Linguística.....	26
2.7	A importância da Sociolinguística.....	30
2.8	Norma culta.....	34
2.9	Entendendo a norma-padrão.....	35
2.10	O preconceito linguístico.....	37
2.11	Panorama sobre o estudo da Gramática.....	42
2.11.1	<i>Tipos de Gramática.....</i>	42
2.12	A concordância verbal e sua variação.....	44
2.13	A grafia convencional e a linguagem da internet.....	48
3	METODOLOGIA.....	50
3.1	Contexto da pesquisa.....	50
3.2	Tipos de pesquisa.....	50
3.3	Participantes.....	51
3.4	Atividades diagnósticas e procedimentos.....	54
4	CONCLUSÃO.....	66
	REFERÊNCIAS.....	67
	APÊNDICE A - ATIVIDADES DIAGNÓSTICAS.....	72
	APÊNDICE B - CADERNO PEDAGÓGICO.....	81

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o objetivo de verificar e analisar as inadequações, presentes nos textos escritos de alunos do Ensino Fundamental Anos Finais, mais especificamente do 6º e 7º ano, relacionadas à concordância verbal no português brasileiro, agregando a Sociolinguística a esse estudo. Além de propor estratégias de trabalho em sala de aula com a produção de um Caderno Pedagógico que poderá auxiliar na aquisição de conhecimentos relacionados ao tema.

A escrita é um dos meios de interação mais práticos e rápidos que a sociedade disponibiliza. A forma como essa escrita é realizada atualmente, com formas coloquiais, expressões abreviadas e ausência de concordâncias, invade as conversas e acabam virando uma forma de padrão. Para os alunos do Ensino Fundamental, ainda em processo de formação de leitura e escrita, essa forma de interação vem de encontro ao real objetivo do ensino de Língua Portuguesa que não é somente aprender a ler e a escrever adequadamente, mas também estar ciente do uso da língua em diferentes situações comunicativas.

A concordância verbal, que é o foco deste estudo, está relacionada a uma boa comunicação virtual e/ou real, já que harmoniza os elementos de um enunciado.

Primeiro, vamos abordar a concordância verbal a partir da visão da gramática normativa, doravante GN, já que a Sociolinguística parte de discordâncias a essa visão para estabelecer a sua. Em seguida, conheceremos melhor o aspecto variacionista da língua e a abordagem da concordância verbal de acordo com essa visão. Moura (2007) procura destacar a variação a fim de que a concordância entre sujeito e verbo possa ser abordada de maneira adequada nas escolas, segundo os pressupostos sociolinguísticos.

O estudo presente baseia-se em uma abordagem sociolinguística sobre a escrita dos gêneros, focando nas inadequações da concordância verbal em textos do cotidiano escolar e social feitas por alunos do Ensino Fundamental dos anos finais. As dificuldades dos estudantes em escrever textos com a concordância verbal adequada é o que precisamos conhecer para que um trabalho nesse sentido seja feito. Compreender o porquê da ausência de conhecimento das conjugações verbais e seu encaixe na escrita é o que instiga nossa pesquisa, assim como achar soluções para que essa dificuldade seja trabalhada de forma que conscientemente os alunos verifiquem a importância de uma escrita coerente verbalmente para sua interação.

Ao escolher essa linha de estudos, é de grande relevância reconhecer o contexto social da escrita. A realidade linguística do Brasil é plural, variável e heterogênea. Ao mesmo

tempo que temos a variedade padrão, a variedade não-padrão é presente e a necessidade de que essa variável seja reconhecida, trabalhada e valorizada é importante.

Partindo da Gramática Normativa com seus “corretos” e “incorretos”, precisamos encontrar formas de trabalhar a concordância verbal como um todo, por isso a sociolinguística entra nesse estudo para que as formas de escrita sejam compreendidas e não apenas estigmatizadas pelo olhar tradicional da gramática.

Despertar nos alunos o interesse por escrever corretamente, mas sem abandonar suas marcas discursivas é um dos objetivos desse estudo, assim como inserir comportamentos de reflexão e pesquisa no momento da escrita, tendo a consciência da sua origem social e da importância de saber como, quando e para quem escrever. Diferenciar as situações de escrita, cientes do seu uso é imprescindível.

Esta pesquisa visa à contribuição nos estudos que tenham como objetivo facilitar a compreensão e os métodos a serem trabalhados para que o fenômeno da ausência de concordância verbal nos textos escritos pelos alunos do Ensino Fundamental dos anos finais seja discutido, refletido e trabalhado por meio de atividades de leitura e escrita.

O tema foi escolhido para este trabalho após a observação e reflexão sobre as dificuldades de concordância nominal e verbal em textos escritos nos ambientes de interação, sendo esse último escolhido por uma abrangência de elementos a serem investigados, como a dificuldade em concordar o sujeito e o verbo e o desconhecimento nas terminações “am” e “ão” no final dos verbos na terceira pessoa do plural no pretérito e futuro do presente do modo indicativo.

As dificuldades de concordância verbal em textos estão presentes na escrita dos alunos do Ensino Fundamental, contudo é necessária uma intervenção pedagógica, nesse público, para que essas dificuldades sejam amenizadas em prol de uma escrita mais adequada. Santos (2010) apontou a variável escolaridade exercendo importante influência na comunidade de fala em estudo, já que à medida que o nível de escolaridade desses falantes vai aumentando, cresce também o uso de formas que são trabalhadas nas escolas e vistas como as formas “corretas” e de prestígio social.

Dentre os muitos estudos que trabalham a concordância verbal e a Sociolinguística, destacamos como suporte teórico para essa pesquisa: Guy (1981); Naro (1981); Nicolau (1984); Naro & Scherre (1997); Labov (2008) e Bagno (2013).

Nosso trabalho também visa sugerir modificações na maneira de elaborar atividades de leitura e escrita que já seguem certo “padrão” pautado nas regras da gramática normativa. Para isso, alguns questionamentos serão levantados: Por que o aluno do Ensino Fundamental

comete inadequações ao escrever os gêneros? Como utilizar a gramática intuitiva e transformá-la em objeto de reflexão para a melhoria da escrita? Como exercitar a concordância verbal de modo que o aluno reconheça a relação sujeito/predicado de forma coerente gramaticalmente? De que forma a sociolinguística interage com a gramática normativa? Que tipos de leituras e reflexões devem ser direcionadas aos alunos para que a vontade de ler e escrever adequadamente seja despertada?

Os alunos do Ensino Fundamental necessitam de um suporte pedagógico para que a questão da concordância verbal na escrita, realizada de forma adequada, seja vista como um ponto de suma importância para uma comunicação fluida, embora o uso inadequado da concordância em determinadas situações não torna incompreensível o entendimento na fala ou escrita.

No trabalho em pauta, os dados apontam que os alunos, ao realizarem a concordância verbal, fazem-no de forma diversa da regra existente na GN ensinada comumente na escola, utilizando, na maioria das vezes, alterações fonéticas, trocando, por exemplo, prenderam por prenderu. Há, também uma preferência pelo uso do singular e pelas 1ª e 3ª pessoas. Os alunos dos anos finais do ensino fundamental não se utilizam tanto da alteração fonética para realizar a concordância verbal na linguagem oral, no entanto, as violações das regras de concordância verbal da norma padrão ficam mais evidentes e, em textos escritos, as alterações fonéticas não aparecem. Por meio de pesquisas realizadas com a metodologia sociolinguística, fica evidente a importância da escola na aprendizagem da língua padrão, porém nem sempre a escola leva em consideração que o aluno já possui um domínio considerável de sua língua E, por outro lado, a variação linguística e a linguagem oral (variante em que se dá comumente a variação) nem sempre são matéria de discussão e estudo na sala de aula. A partir dessas constatações, percebe-se a necessidade de ensinar, não o que os alunos já sabem, mas analisar e refletir sobre aquilo que eles já sabem para poder descobrir e dominar diversas modalidades da língua para ampliação dos seus horizontes linguísticos.

No decorrer das atividades sugeridas (exercícios individuais, em grupo e participação nas aulas) poderemos observar e analisar o desenvolvimento dos alunos. As atividades que ativam os conhecimentos prévios como as conversas informais, visualização de textos expositivos e gêneros também devem estar presentes no processo de aquisição do conhecimento.

Com o objetivo de desenvolver a competência escrita dos alunos na produção de textos, sobretudo os escritos, vale destacar as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que foram elaborados com o objetivo de servir como ponto de partida para

o trabalho do professor, norteador as atividades em sala de aula, no ensino fundamental. O documento salienta a necessidade de a escola propor atividades semelhantes às aquelas que os estudantes precisarão lidar na vida social.

Por isso, escolheu-se trabalhar com a concordância verbal na escrita dos gêneros, passando pelo enfoque sociolinguístico, por considerá-la de grande relevância para o aluno em sua interação social, seja em ambiente escolar, virtual ou no meio em que vive. A escolha da concordância verbal e a Sociolinguística deu-se em virtude dos seguintes motivos:

- a) a concordância verbal possui um papel relevante em uma comunicação eficiente;
- b) a Sociolinguística, que se relaciona com a realidade dos alunos, tem seu estudo justificado por valorizar a origem desses estudantes e todo seu conhecimento linguístico prévio e enraizado;
- c) a junção dos principais temas desta pesquisa proporciona um estudo mais completo e preocupado com a aprendizagem real, dentro de um contexto gramatical e social.

Desse modo, tem-se como objetivo aperfeiçoar a escrita de textos, levando em consideração seu uso social e concordância entre sujeito e verbo. Por intermédio desse trabalho, é possível proporcionar aos alunos uma visão significativa do que escrevem, onde escrevem e para quem escrevem de maneira consciente e objetiva, algo que fortalece a comunicação escrita, visto que a concordância verbal ainda é um dos pontos que requerem uma atenção especial na construção do enunciado.

Ademais, acredita-se que a habilidade de utilizar os tempos verbais é importante para a construção individual e social do indivíduo, além de contemplar os atuais parâmetros curriculares que norteiam o ensino de Língua Portuguesa na Base Nacional Comum Curricular BNCC (2017), documento de caráter normativo que define e orienta o conhecimento que os alunos da educação básica devem desenvolver progressivamente ao longo de sua formação.

Para a Língua Portuguesa, o documento reconhece a importância de o professor conhecer o funcionamento da linguagem e de levar o aluno a percebê-la como um instrumento de pertencimento ao mundo. Portanto, indica a importância da organização das práticas de linguagem (leitura e produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica) por campos de atuação e da contextualização do conhecimento escolar, a fim de gerar a percepção de que essas práticas derivam de situações da vida social e que, por esse motivo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes.

O documento dispõe garantir aos alunos um conjunto de conhecimentos necessários à

vida social e contribuir para o pleno desenvolvimento do cidadão, servindo como elemento norteador da ação docente. Para o ensino de língua materna, a BNCC (2017) considera as situações comunicativas que se realizam nas diferentes esferas sociais – escolar, científica, literária, jornalística, entre outras –, as quais devem ser estudadas e conhecidas, cabendo ao professor priorizar as situações que serão tomadas como objeto de ensino.

Visto isso, este trabalho pretende seguir as orientações propostas no documento (BRASIL, 2017, p. 83,85,171,173):

- a) compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem;
- b) empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, aos interlocutores e ao gênero do discurso/gênero textual;
- c) conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.
- d) discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica.
- e) perceber o funcionamento das flexões (número, gênero, tempo, pessoa etc.) de classes gramaticais em orações (concordância).
- f) identificar os efeitos de sentido dos modos verbais, considerando o gênero textual e a intenção comunicativa.
- g) empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.
- h) utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais, concordância nominal e verbal, regras ortográficas, pontuação etc.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O uso inadequado da regra de concordância verbal no nosso país mostra indícios de diferenciação social, de caráter estigmatizante, revelado de forma mais evidente, no ambiente escolar. O forte contraste entre a aplicação ou não aplicação de concordância e as políticas de ensino, espalhadas em práticas didático-pedagógicas baseadas em gramáticas que pressupõem uma norma única, constituem exemplos para que possamos conhecer e descrever as diversas comunidades de fala.

2.1 A origem da escrita

A escrita é uma tecnologia desenvolvida ao longo da história da humanidade que possibilitou a imobilização da linguagem oral, transcendendo as condições ordinárias de tempo e de lugar. Diante de sua necessidade de um meio de expressão permanente, o homem primitivo desenvolveu diversos arranjos de objetos simbólicos ou sinais materiais, nos entalhos e desenhos para a fixação da linguagem oral. Entretanto, a escrita é mais que um instrumento que emudece a palavra, ela transforma a cultura em uma possibilidade transmissível, como as leis, a filosofia, o comércio, a religião, a poesia, e a história. Para Higounet (2003), a escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria, dividindo a história da humanidade em duas imensas eras, antes e a partir da escrita. Deste modo, a escrita não é um procedimento destinado apenas para a fixação da palavra, mas também dá acesso ao mundo das ideias, permite apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo, por isso a história da escrita segue a história dos avanços do espírito humano, e “contribui não só para o nosso entendimento do mundo como de nós mesmos.” (OLSON; TORRANCE, 1996, p. 13).

A origem da escrita ocorreu no período pré-histórico, quando os homens se comunicavam por meio de desenhos nas paredes das cavernas em que viviam. Esses desenhos, conhecidos como pinturas rupestres, transmitiam as ideias dos povos, assim como seus desejos e necessidades. Apesar da arte rupestre não ser um tipo de escrita, já que não havia um padrão e uma organização, foi o começo da comunicação entre os homens.

Segundo historiadores, os sistemas de escrita foram criados de forma independente, em períodos distintos e por civilizações diferentes. Os povos que deram origem a esses sistemas foram os mesopotâmicos, chineses, egípcios e os da América Central. Com isso, a humanidade

deu um passo importante durante o processo de criação da escrita porque além de ser um recurso que comprova os registros históricos, ainda representa um outro modo de perceber o mundo.

O processo da escrita e as línguas estão em constante mudança. Isso se comprova ao observarmos textos de cem anos atrás, por exemplo, onde algumas palavras e expressões provavelmente entraram em desuso, como por exemplo: vosmecê, quiproquó, deveras, dentre outras. Essa mudança é tão perceptível que, nos dias atuais, devido à evolução da tecnologia, a caligrafia que era tão necessária, acabou entrando em uma espécie de último recurso de comunicação por causa do acesso crescente aos computadores. Há alguns anos, escrever bem, ter uma boa escrita era primordial para uma comunicação eficiente, coisa que mudou no decorrer das últimas décadas. O uso dos aparelhos tecnológicos como *smartphones*, *notebooks*, e computadores facilitou a utilização das letras digitais e, além disso, a internet incentiva uma forma de escrever menos rica, principalmente com o uso de abreviações de palavras, gírias, siglas e emojis. A linguagem escrita mudou bastante na era digital. Textos curtos, acompanhados de figurinhas, que exprimem os mais diversos sentimentos, é a forma mais prática e objetiva de escrita atualmente. É inegável que essa forma de escrever tenha proporcionado rapidez à comunicação, mas é preciso cautela e um trabalho de ressignificação da escrita por parte da escola para que os alunos possam usufruir desses recursos sem prejudicar a aquisição necessária da forma adequada de se escrever em diferentes situações e não somente nos ambientes virtuais. Essa adequação se caracteriza por fazer o uso correto dos termos, usando como referência a gramática normativa.

2.2 A história da formação da língua portuguesa

A história de uma língua está diretamente ligada à história da sociedade em que ela se formou. No caso do nosso país, a sociedade era composta por dois grupos. O primeiro era formado por brancos de origem portuguesa e seus descendentes, que possuíam riqueza, poder e faziam parte de uma espécie de elite, com oportunidades de profissionalização e recursos para tal. O segundo grupo era formado por descendentes de negros, índios e brancos com menos recursos que atuavam em atividades econômicas com baixa remuneração e pouco acesso à formação profissional. Assim, a história social do Brasil reflete a história econômica das atividades praticadas no país e elas estão relacionadas à variedade da língua que os grupos usam para se expressar. Desse modo, podemos entender que a história linguística brasileira foi formada por dois polos, um representado pelos portugueses e seus herdeiros e, o outro, representado pelos índios, africanos e seus descendentes.

Mattos e Silva (2000, p.20), que corrobora a polarização proposta por Lucchesi (1994), diz-nos que os brancos europeus e os brancos brasileiros seriam os prováveis usuários de uma língua mais europeizada do que aqueles que não pertenceriam a essa etnia. A partir disso, podemos inferir que os negros africanos e seus descendentes seriam usuários de uma língua menos europeizada, apresentando maiores ou menores traços vindos dos contatos linguísticos feitos no período de formação da sociedade brasileira. Segundo Teyssier (2001, p.94):

No período de que estamos tratando a situação lingüística do Brasil pode ser assim resumida. Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita.

O contato entre indígenas, africanos e os imigrantes que vieram de algumas regiões da Europa favoreceu o chamado multilinguismo (coexistência de sistemas linguísticos diferentes: língua, dialeto, falar etc.) que contribuiu para a formação da identidade do português brasileiro.

Diante disso, podemos salientar que o léxico de uma língua não é estático, está aberto a novas incorporações: aceita o apagamento de algumas palavras ou a substituição de outras. Esse fenômeno ocorreu (e ainda ocorre) com muita frequência no nosso idioma. As línguas indígenas, por exemplo, contribuíram para o enriquecimento vocabular da botânica, da fauna, da toponímia e da onomástica do português do Brasil. Justifica-se ainda o multilinguismo com a forte influência das línguas e dialetos africanos que chegaram ao Brasil. Tal influência incrementou, por exemplo, a linguagem religiosa do candomblé, uma manifestação da cultura africana. O português brasileiro sofreu profundas mudanças para chegar ao português que se fala nestas terras hoje. Entretanto, ainda está no processo de construção de sua própria identidade. Esse aporte histórico é de grande relevância para a nossa pesquisa, pois nos possibilita compreender a origem e a riqueza da miscelânea de palavras e expressões existentes na nossa língua.

2.3 A língua no aspecto sociocultural

A língua está constantemente em evolução. De acordo com as mudanças que ocorrem ao longo do tempo, podemos dizer que a língua é viva. Elas evidenciam-se mais no âmbito geográfico ou social. Antunes (2007) conceitua a língua da seguinte forma:

a língua é muito mais que isso tudo. É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço. É ela que confirma nossa declaração: Eu sou daqui. Falar, escutar, ler, escrever reafirma, cada vez nossa condição de gente, de pessoa histórica, situada em um tempo e em um espaço. Além disso, a língua mexe com valores. Mobiliza crenças. Institui e reforça poderes (ANTUNES, 2007, p. 22).

Diante disso, ao constataremos que a língua é a identidade de um lugar, estamos validando a diversidade linguística. Cagliari (2009) nos afirma sobre a diversidade da língua

percebemos muito bem que os portugueses não falam como os brasileiros. No Brasil, o português apresenta características próprias nas diversas regiões do país. Numa cidade, facilmente distinguimos classes sociais com pronúncias peculiares para determinadas palavras. Por exemplo, no Rio de Janeiro, ouvimos alguém falar “tchia”, “doidu”, “chuva”. As mesmas palavras são pronunciadas “tia” no sul do Brasil, “doidju” numa variedade de Alagoas e Sergipe, e “tchuva” em uma variedade do Mato Grosso. Há pessoas da zona rural que falam “drentu”, há pessoas que falam “nóis ponhamu us pratu”, “uz adevogadu acharu us curpadu”, etc. A variedade linguística é um resultado do fato de as línguas se transformarem inevitavelmente ao longo dos tempos (CAGLIARI, 2009, p.1).

Língua e sociedade relacionam-se de forma prática. Quando a língua é utilizada de forma adequada em sociedade, há uma capacidade de expressar e decidir o que o indivíduo julga melhor para si. Confirmando essa ideia, Pereira (2007) diz que

os discursos dos sujeitos caminham no sentido de buscar, através da aquisição da escrita, uma maior mobilidade social inserindo e participando de modo efetivo em outros espaços que não só a família. (PEREIRA, 2007, p. 158)

Ainda fazendo referência ao autor, ele também compartilha o pensamento de jovens e adultos que não tiveram condições concretas de vivenciar os processos de escolarização, ou seja, não estudaram ou estudaram pouco, ficaram impedidos de interagir, de maneira efetiva, em situações que envolvam um conhecimento mais elaborado, tornando-se excluídos de processos mais amplos de participação social. Tal estudo é pertinente a esta pesquisa, pois o trabalho de desenvolvimento da escrita com os alunos do ensino fundamental proporciona uma maior participação de jovens e adultos capazes, pois podem expressar suas ideias e opiniões na sociedade em que vivem.

Antunes (2007) afirma que existem variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas; elas existem porque as línguas são fatos sociais, com funções distintas. E, já que a língua existe em sociedade, toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável, fazendo usos diversificados da própria língua.

Bagno (2015) comenta sobre a expressão “o domínio da norma padrão é um instrumento de ascensão social”, classificando como um mito. Afirma que:

é comum encontrar pessoas muito bem-intencionadas que dizem que a norma-padrão conservadora, tradicional, literária, clássica é que tem de ser mesmo ensinada nas escolas porque ela é um “instrumento de ascensão social” (BAGNO, 2015, p. 104).

Dando continuidade ao pensamento de Bagno (2015), quando destaca “se o domínio da norma padrão fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país”. Entretanto, não é isso que ocorre. Ao longo do capítulo que aborda essa temática em seu livro “Preconceito Linguístico”, ele cita outras situações para mostrar que o que foi dito é realmente um mito e esclarece que dominar a “norma padrão não é uma fórmula mágica que de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente.”

2.4 A linguagem oral e a linguagem escrita

Nos dias atuais, tanto a oralidade quanto a escrita são importantes na sociedade. É interessante entender que há situações convenientes para o uso de cada uma delas. A partir dessa compreensão, é possível ter a noção do adequado ou inadequado para fazer uso de uma ou de outra modalidade. Contudo, antes de partir para essa reflexão sobre o que é ser adequado ou inadequado, é importante assimilar o conceito de cada uma delas.

De acordo Marcuschi (2010), a oralidade viria a ser uma prática social com fins comunicativos, se apresentando de diversas formas ou gêneros textuais na realidade sonora. Enquanto a escrita, um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais que se caracterizaria por sua constituição gráfica, trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala. E ambas são usadas para designar formas e atividades comunicativas, não se restringindo ao plano do código.

No que diz respeito à fala, Geraldi (2006) afirma que todos sabem falar, ou seja, não é a escola que ensina a língua materna às pessoas. A variação é inerente à língua, já que ela é viva. As mudanças que acontecem na língua, conforme Bagno (2007), são frutos da ação coletiva de seus falantes, essa impulsionada pelas necessidades que esses falantes sentem de se comunicar melhor, de dar novos sentidos às palavras, de dar uma ideia mais precisa de seus desejos de interação.

Morais (2007) afirma

Quando um aluno erra – porque cria certas “regularizações”, escrevendo, por exemplo, *mininu no lugar de “menino” – está nos revelando que elabora suas próprias representações sobre a escrita das palavras, que não é um mero repetidor das formas escritas que vê ao seu redor. (MORAIS, 2007, p. 37)

Portanto, o que percebemos é que algumas vezes o aluno quer reproduzir na escrita a forma como usa a linguagem falada. E isso não pode ser aceito, já que na escrita há de se ter o compromisso com a linguagem formal. Uma vez que exista uma forma unificada para escrever, a comunicação acontece de forma mais fluida; no entanto, somente para a escrita, pois não é necessário criar padrões de fala pois cada um, dentro da sua realidade social, se comunica de forma que para si faça sentido. É importante ressaltar que a pronúncia das palavras, ou seja, a fala, devido às variedades linguísticas das diversas regiões brasileiras, por exemplo, pode mudar muito; porém, a escrita permanece sempre a mesma, como podemos ver:

A ortografia surgiu devido a uma falta de homogeneidade na linguagem oral, de um ponto de vista sincrônico, já que a modalidade oral apresenta, em um mesmo momento histórico, variações em virtude do espaço geográfico, grupos sociais, situações comunicativas, idade, grau de escolarização, dentre outros aspectos (MORAIS, 1995; BAGNO, 1999).

“Falar e escrever podem parecer ‘faces de uma mesma moeda’, mas o texto escrito e o oral têm diferentes propriedades e modos de construção.” Vieira (2005) afirma em seus estudos e complementa que as palavras que dizemos ou escrevemos nada mais são que as realizações do potencial significativo da linguagem, e que cada tipo de texto tem seu formato próprio, assim como uma roupa para cada ocasião ou um comportamento para cada situação. Criar significados na fala, segundo Vieira (2005), é mais fácil. Para ilustrar essa afirmação, ele cita situações diversas como conversar, contar uma história oralmente, avisar algo, discursar ou ser entrevistado. Nessas situações pode-se interromper quem está falando e perguntar algo, caso se tenha dúvida. Pode-se também pedir para repetir, falar mais alto, devagar ou explicar de outra forma. Quem está falando também pode mudar de assunto, dependendo do interesse de quem está ouvindo, pode-se falar de formas mais simples ou mais explicadas e pode-se também utilizar a linguagem corporal. Tudo isso é possível porque em situações de fala é possível contar com a presença de um ouvinte. Podemos ainda errar e sem dificuldade, retomar o que dizemos. Não somos julgados numa situação de bate-papo com um amigo. Porém, se estivermos numa entrevista para conseguir um emprego, precisamos saber usar a formalidade.

Analisando, ainda os estudos do autor, vê-se que, na escrita, o meio de se criar significados é diferente, e isso faz com que as exigências sejam maiores. Ele diz que o texto

escrito é permanente e, por esse motivo, não pode conter as interrupções e retomadas que o texto oral tem. Nesse tipo de linguagem, o assunto deve ter continuidade e progredir de forma lógica e mais compreensível, afinal, não se pode perguntar ao autor o que ele queria dizer com o que escreveu. Mas, é porque especialmente com a escrita pode-se reler o texto quantas vezes for desejado, grifar o que chamar mais atenção e até não ler a parte que não achar necessário. Vieira (2005) afirma que “a fala e a escrita são faces de uma mesma linguagem, mas qualitativamente diferentes na forma de executar.” Ele leva o leitor à reflexão de como é intrigante uma criança (e aqui tomo para meus alunos), aprender a falar com tanta naturalidade e terem tanta dificuldade para aprender a escrever e redigir.

As dificuldades descritas, principalmente quando se trata de assimilar os conhecimentos ortográficos, se destacam muito, pois os alunos querem associar esses conhecimentos a regras prontas. Mas, Moraes (2007), em seu livro “Ortografia: ensinar e aprender”, destaca bem que há aspectos da norma que se aprendem compreendendo, e outros, memorizando. E completa dizendo que deseja trazer à discussão um modo de tentar ajudar nossos aprendizes a viver prazerosamente e com sucesso a tarefa de “aprender a escrever certo”. Vieira (2005) trabalha a reflexão feita anteriormente, apontando várias razões para o que é dito. Ele diz que a fala é matéria viva do dia a dia, enquanto que a escrita está nos livros e impressos (jornais e revistas), que infelizmente não fazem parte do cotidiano de todos. O autor ainda diz que muitos contextos do uso dessa linguagem estão distantes das necessidades infantis e aqui também tomo para o público adolescente do Ensino Fundamental Anos Finais, sobre o qual trata esta pesquisa. Ele ainda chega a citar que, na escola, o professor cobra regras gramaticais, impõe um nível de fala dito “culto” e, às vezes, transmite a falsa ideia de que a escrita é uma simples transcrição da fala. Assim, faz-se uma confusão entre o oral e o escrito de tal forma que a criança, além de ter medo de escrever, acaba por se calar por achar que a sua fala é “errada”.

Tal confusão diz respeito, também, à concordância verbal, quando o aluno escreve seu texto e comete uma concordância inadequada entre sujeito e verbo. Em alguns casos, ao ser confrontado com a forma adequada, ele transparece não se preocupar ou se sente acuado a escrever novamente. É sobre essa imposição de regras que nosso trabalho associando Gramática e Sociolinguística pretendeu pesquisar. Buscar estratégias de trabalho em sala de aula que facilitem a compreensão do lugar de fala, escrita e intencionalidade coerentes.

Vieira (2005) diz ainda que a fala é uma atividade prevista “geneticamente”, ela é parte essencial do desenvolvimento do ser humano que vive em sociedade, por mais primitiva que ela seja. A linguagem escrita não funciona assim. Existem povos sem escrita, bem como alguns falantes de uma língua que não sabem redigir; que “é possível ser leitor, mas não ser redator

(embora um bom redator precise ser também um bom leitor)” e as pessoas que falam bem, mas que nem sempre escrevem bem.

Tanto a linguagem oral como a linguagem escrita são processos que demandam construção de significados. Não será possível dominar todas as situações de fala, nem todo o vocabulário existente.

2.5 A importância da escola no desenvolvimento da escrita adequada

Os alunos do Ensino Fundamental Anos Finais estão em uma faixa etária em que a aquisição de conhecimento é iminente, ou seja, está ali prestes a acontecer a qualquer momento, a depender de uma estratégia, atividade e até mesmo uma roda de conversa e é necessário citar o papel do professor. Moraes (2007) afirma que: “Assim como não se espera que um indivíduo descubra sozinho as leis de trânsito – outro tipo de convenção social -, não há por que esperar que nossos alunos descubram sozinhos a escrita correta das palavras”. (MORAIS, 2007, p. 23) O autor nos mostra que o aluno não aprende sozinho, de forma espontânea, só com o contato com livros e outros materiais escritos, é preciso, nesse processo a intervenção direta do professor.

Segundo Moraes (2007), quando a escola negligencia sua tarefa de ensinar ortografia, ela contribui para manter as diferenças sociais, preservando a distinção entre bons e maus usuários da língua escrita. E adiciona que uma forma de trabalhar a escrita é trabalhar textos em sala e divulgá-los em forma de cartazes, convites ou outras formas.

O conhecimento ortográfico não pode ser descoberto sozinho, já que sua natureza é de convenção social, por isso a relevância do apoio do professor em sala de aula. No princípio, quando o aluno/indivíduo tem contato com seus primeiros estudos da escrita, ele aprende a escrita alfabética e só, posteriormente, a ortográfica; mas o que foi percebido nos alunos do Ensino Fundamental, centro dessa pesquisa investigativa, é que muitos deles ainda permanecem nessa primeira fase, ou seja, só conhecem a alfabética. Diante dessa situação, o professor tem então a responsabilidade de aumentar esse conhecimento, o qual pode constituir-se num longo processo.

A partir dos trabalhos com os alunos do Ensino Fundamental, percebe-se que é preciso, enquanto professor, colaborar para que os alunos percam o medo de escrever errado, percam a insegurança nessa prática, deixem de lado a sensação de que não vão aprender e até mesmo deixem de pensar que “de qualquer jeito está bom” e compreendam que a escrita faz parte do seu dia a dia e que precisam aprimorar essa prática, até mesmo para evitarem julgamentos

preconceituosos devido a forma como escrevem, já que a sociedade, de forma geral, atribui um peso muito grande a esse fato. Conforme diz Bagno (2015), “qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola – gramática – dicionário é considerada, pela ótica do preconceito linguístico, ‘errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente’, e não é raro a gente ouvir que ‘isso não é português’”.

Morais (2007) afirma que a escola cobra do aluno que ele escreva certo, mas oferece poucas oportunidades para refletir com ele sobre as dificuldades ortográficas de língua portuguesa. É preciso que a escola se preocupe mais em ensinar do que a avaliar o aluno. De acordo com o autor, é preciso entender que a ortografia é uma convenção social cuja finalidade é ajudar a comunicação escrita. Soares (2020) nos diz, ainda, que um ensino da língua materna comprometido em lutar contra as desigualdades sociais e econômicas reconhece o direito que têm as camadas populares de se apropriar também da linguagem culta, chamada linguagem de prestígio, de modo que os alunos pertencentes a essas camadas venham a dominá-la, não por conta de se adaptarem à uma sociedade que os divide e os discrimina, mas com o intuito de adquirirem o conhecimento necessário para participarem politicamente e lutar contra as desigualdades sociais. Diante disso, o papel da escola no desenvolvimento de uma escrita adequada é crucial, pois ao passo que são elaboradas estratégias de ensino e atividades que instiguem a curiosidade e a dedicação dos alunos em suas realizações, a escrita adequada vai se tornando praxe em seus enunciados.

E o que é adequação linguística? A linguagem passa por mudanças dependendo do assunto, ambiente, interlocutor e intencionalidade. Estes fatores se referem à adequação linguística. Durante muito tempo, buscou-se a uniformidade linguística e, assim, tudo o que não entrava nos padrões da gramática normativa era considerado erro. Atualmente, o foco está no conceito de adequado e inadequado, porque há a compreensão de que a linguagem, isto é, o processo de interação comunicativa, é heterogêneo, apresentando níveis de linguagem e níveis de fala. Assim sendo, a adequação linguística é compreendida como a habilidade que os falantes possuem de adaptar a linguagem de acordo com a necessidade do momento.

2.6 A Teoria da Variação Linguística

A princípio, é importante registrar que, mesmo com foco na fala, a Sociolinguística variacionista não exclui a escrita de suas possibilidades de análise, visto que nela a variação também pode se manifestar. O que significa, contudo, dizer que as línguas variam? Segundo Beline (2014), em sentido amplo, a variação pode ser pensada a partir das diferentes línguas

que existem no mundo e, afunilando o foco para a análise de apenas um país (o Brasil, por exemplo), a partir das diferenças existentes na língua que, apesar de comportar a diversidade linguística, não impede a comunicação entre os falantes. Ainda que essa variação seja detectada no léxico do idioma, o que importa é que existe a possibilidade de referência a um mesmo objeto, fruta, planta, etc., pela utilização de vocábulos diversos. Além do léxico, a variação pode ocorrer a depender do lugar (variação diatópica) em que a língua é manejada, bem como da situação de formalidade de uso (variação diafásica), dentre outras.

A Sociolinguística estuda os padrões de comportamento linguístico que são observados dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. Assim, o que tem maior relevância na Sociolinguística é a valorização dos processos de mudança que ocorrem nos grupos de fala, ou seja, grupos que utilizam a mesma forma de falar, tornando-os distintos e peculiares na forma de se expressarem.

Variação inicialmente é o processo em que duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo sentido/significado. O fenômeno citado quando possui formas em variação, recebe o nome de “variantes linguísticas”. Tarallo (1990, p. 08) afirma que: “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”.

Nesse sentido, William Labov, considerado o pai da Teoria da Variação preocupou-se, inicialmente, com a motivação social da mudança sonora na ilha de Martha's Vineyard, no estado americano de Massachussetts. Para ele, ao correlacionar o complexo padrão linguístico com diferenças na estrutura social, será possível "isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico" (LABOV, 2008, p. 19). Eis aí uma das possíveis explicações sobre o fato de que língua e sociedade são intimamente interligadas, valendo, a propósito, a seguinte afirmação do estudioso: "por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social" (LABOV, 2008, p. 13). Nesse ponto, percebe-se que a intenção de Labov não se restringia à quantificação de dados sem um propósito definido, mas tencionava desvelar os fatores sociais em relação ao processo linguístico, uma vez que "não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre" (LABOV, 2008, p. 21).

A Teoria da Variação leva em consideração a língua em seu contexto sociocultural, por isso a importância de ser citada neste estudo, visto que essa variação representa diversas formas

de se dizer a mesma coisa. Ela deve ser valorizada, pois a heterogeneidade presente nos usos linguísticos existe também em fatores externos ao sistema linguístico e não pertencente somente aos fatores internos da língua. A visão de que a língua é heterogênea permitiu perceber que há diferentes formas de se utilizar a mesma língua e isso varia de acordo com seus falantes ou grupos sociais. Portanto, como observou Mollica (2003, p. 10), “ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível”.

A heterogeneidade não interfere ou compromete o funcionamento da língua, e sim o contrário, ou seja, se a língua fosse um sistema homogêneo e invariável é que poderia ser disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

A Teoria da Variação tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua, levando em consideração o caráter sociolinguístico, a estrutura e a evolução da língua no contexto social de uma comunidade de fala (LABOV, 1972). A partir disso, para compreendermos a Teoria da Variação é necessário levar em consideração alguns princípios:

- A língua é um sistema inerentemente heterogêneo e ordenado;
- A competência linguística do falante comporta a heterogeneidade da língua;
- Não existe falante de estilo único;
- O *locus* do estudo da língua é a comunidade de fala, não o indivíduo.

A variedade pode partir de critérios geográficos, sociais, dentre outros, como ocupação/profissão ou algum hábito que unifique os falantes como a variedade dos falantes que acessam determinada rede social na internet com frequência (COELHO et al., 2015).

A variável é um fenômeno necessário ao estudo, principalmente, quando nos referimos ao uso da linguagem digital, pois por esse meio, as pessoas costumam expressar suas opiniões, pensamentos e sentimentos. No contexto da sociedade atual, a linguagem utilizada na internet agrega velocidade e facilidade na comunicação, mas por outro lado colabora com o aumento de desvios gramaticais, dificultando a compreensão em alguns casos.

A recente linguagem adquirida e proliferada pelos jovens da atualidade é o internetês. Essa variante linguística muito comum, utilizada em redes sociais no dia a dia, vem sendo tratada com desconfiança pelas gerações mais velhas e com grande familiaridade para as mais jovens, principalmente para quem se entrega aos encantos da internet. Porém, para muitos estudiosos, permanece um grande enigma: que desafios esse linguajar apresenta para a

linguística? Tentando responder a essa pergunta, Rajagopalan (2013, p. 37) defende o argumento de que:

No que se segue, sustento o argumento de que é muito mais sensato compreender o internetês como algo sintomático dos tempos em que vivemos, marcados por uma série de características, como facilidade, a rapidez de comunicação, assim como a espontaneidade e o laconismo nas formas de transmitir as mensagens.

As variantes de uma comunidade de fala, segundo Tarallo (1990, p. 11), “encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas.” Tal afirmação do autor nos faz trazer à tona a questão do uso da língua na internet. Essa língua, amplamente difundida atualmente pelos jovens nas redes sociais, poderia se enquadrar facilmente nas definições acima, pois há uma infinidade de maneiras de nos comunicarmos a partir do meio digital, utilizando as relações de concorrência citadas e havendo a compreensão por cada grupo falante que as usasse.

Conforme Tarallo, também, para se trabalhar a variação linguística em um determinado ambiente é necessário e de extrema relevância analisar os fatores extralinguísticos, ou seja, tudo aquilo que não for linguístico, mas que também é considerado fator condicionador, por exemplo:

“A formalidade vs. a informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, sua escolaridade, faixa etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores.” (TARALLO, 1990, p. 46)

O nível socioeconômico e de escolaridade possuem direta relevância sobre o desempenho linguístico do indivíduo. Esse tipo de variação costuma apresentar diferenças em termos fonológicos (“droba” por dobra; “véi” por velho), sintático (“Nóis peguemo” por nós pegamos) e morfológico (a ausência do R do infinitivo dos verbos, “comprá” em vez de comprar). Ciente do conceito de variação, de tudo que ela pode envolver dentro e fora da língua, define-se suas espécies:

- **Variação Diatópica** (variação regional) ocorre em decorrência das diferenças geográficas entre os falantes. Pode acontecer entre regiões, por exemplo, Nordeste e Sudeste do Brasil e, também, entre países que falam a mesma língua.
- **Variação Diastrática** (variação social) é a variação que surge a partir das diferenças socioculturais. O que leva os indivíduos a se expressarem de forma diferente. Nesse

caso é o acesso à educação formal, aos bens culturais, como cinemas, teatros, museus e espetáculos musicais promovidos por artistas bem avaliados pela crítica especializada.

- **Variação Diacrônica** (variação histórica) Como a língua se concebe em constante evolução, esse tipo de variação refere-se à passagem do tempo. Os falantes criam e procuram novas expressões, a todo o momento, com o objetivo de formarem uma comunicação mais efetiva. Com isso, os processos históricos, como a influência norte-americana no Brasil, possibilitaram a adoção de uma série de estrangeirismos, dentre eles, podemos citar exemplos usados no cotidiano de seus alunos, como *boy*, no sentido de namorado, e *after*, que significa um acontecimento ou evento após outro.

2.7 A importância da Sociolinguística

O termo Sociolinguística surgiu em meados dos anos de 1960, em um congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia (Los Angeles). Nesse congresso, estavam presentes vários pesquisadores cujos estudos se voltavam para a relação entre linguagem e sociedade, como: John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona e William Labov. Inicialmente, a proposta de Bright (1964) para a Sociolinguística "era demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às variações existentes na estrutura social desta mesma sociedade" (BRIGHT, 1964).

Para Bright (1964), a diversidade linguística seria o objeto de estudo da Sociolinguística, estando tal objeto relacionado a fatores tais como: identidade social do emissor ou falante, identidade social do receptor ou ouvinte, o contexto social e o "julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre os outros, isto é, as atitudes linguísticas" (ALKMIM, 2001, p. 29).

A Sociolinguística é uma importante ciência para o ensino de Língua Portuguesa não só em universidades, como principalmente nos ensinos médio e fundamental, pois com o estudo dela, o professor torna-se capaz de lidar com as variações que são encontradas em sala de aula. Entende-se por sociolinguística, segundo Mollica e Braga (2003), uma das áreas da Linguística que estuda a língua em uso em determinada comunidade, levando em consideração a fala e investigando aspectos tanto linguísticos quanto sociais. Ainda definindo sociolinguística, Cezario e Votre (2010) afirmam que essa é uma área responsável por estudar o uso real da língua, considerando tanto a estrutura linguística, quanto aspectos sociais e culturais dessa língua, não podendo ser estudada de forma autônoma.

Vale registrar que à Sociolinguística cabe "investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático" (MOLLICA, 2003, p. 11). Tal preocupação com a variação emana de Labov (2008) e de seus estudos variacionistas, assim como a relevância da quantificação de dados linguísticos, considerando os fatores que condicionam a língua.

Já para Romaine (1994), a sociolinguística refere-se às perspectivas que os linguistas e sociólogos conservavam sobre a influência da linguagem mediante a sociedade e sua diversidade linguística.

Frente a esses estudos da sociolinguística, percebeu-se a importância de se apresentar as variações que existem na língua. Identificou-se que, em uma mesma língua, podem existir várias pronúncias para a mesma palavra, considerando o modo e o lugar em que ocorreu a aquisição da língua.

a capacidade dos seres humanos de aceitar, preservar e interpretar regras com condicionamentos variáveis é sem dúvida um aspecto importante de sua competência linguística ou *langue*. Mas ninguém tem consciência dessa competência, e não existem julgamentos intuitivos para revelá-la a nós. Ao contrário, a percepção ingênua do nosso próprio comportamento e do dos outros é normalmente categórica, e somente o estudo cuidadoso da língua em uso demonstrará a existência dessa capacidade de operar com regras variáveis (LABOV, 2008, p. 263).

Labov (2008, p. 215) nos diz que “a língua é uma forma de comportamento social, [...] ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros”. Assim, podemos compreender que não se deve estudar a língua sem considerá-la em sua esfera social e as formas de interação que os indivíduos produzem por meio dela.

William Labov foi um dos principais autores que trataram da questão da variação linguística. Já em meados dos anos 60 do século XX, esse estudioso introduziu novas discussões acerca da heterogeneidade da língua, o que, mais tarde, serviria de base para a sedimentação de outras características dessa disciplina, considerada um ramo da Linguística. Na verdade, além da questão da variação, a Sociolinguística, de forma geral, também se preocupa com os temas relacionados ao preconceito linguístico, mobilidade e estigma social. Dessa forma, justifica-se este trabalho com base não só na obra de Labov, mas também na de outros autores que, a partir da obra laboviana, puderam reforçar os conceitos sociolinguísticos. Além disso, é muito importante refletir sobre a variação, especialmente na época atual, quando gramáticos e linguistas se posicionam em lados opostos, como se não houvesse o respaldo da História da

Linguística (WEEDWOOD, 2002; LYONS, 1982) no sentido de que tanto o primeiro quanto o segundo grupo pertencem à mesma área do conhecimento, mas com concepções distintas.

Escolhemos a concordância verbal por ser um fenômeno variável que atrai muito a atenção social e, conseqüentemente, é um dos tópicos gramaticais que nós professores de Língua Portuguesa, de um modo geral, mais nos empenhamos em corrigir nos nossos alunos. Do ponto de vista exclusivamente linguístico, não há diferença de significado entre as formas singulares e plurais de alguns verbos. Mas, de acordo com Faraco (2003), esse é um dos pontos mais complexos da nossa relação com as variedades da nossa língua. E isso porque essa diferença linguística (muito mais do que geográfica) se transformou – num país socialmente tão desigual como o nosso – num pesado fator de discriminação. Esse fenômeno começou a ser estudado no Brasil na década de setenta por Anthony Naro e Miriam Lemle e, desde então, vários trabalhos sobre a variação na concordância verbal já foram realizados em diversas regiões de nosso país.

E por falar em desigualdade social, a diferença de posições na sociedade e a hierarquização dos grupos que compõem uma sociedade, dentre eles: patrões, funcionários, autônomos, estudantes e indivíduos sem letramento permitem que as variedades linguísticas destaquem a posição social de seus falantes, consideradas superiores ou inferiores, e proporcionem o surgimento de atitudes e comportamentos preconceituosos em relação a variedades da língua que desviam à regra padrão. Segundo Bagno (2004),

[...] [o] preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente (BAGNO, 2004, p. 38).

Com o estudo e a aplicação de sua teoria e metodologia, a Sociolinguística pode realizar uma grande contribuição para a desconstrução de atitudes e comportamentos discriminatórios decorrentes da linguagem, que reforçam ainda mais os processos de exclusão social, presentes na sociedade atual, pois

[...] o preconceito linguístico tem sido um ponto bastante debatido na área, uma vez que se nota ainda a predominância de práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, que tomam como referência o padrão culto. [...] os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o

padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima (MOLLICA, 2004, p. 13).

Para incorporar a importância da função social da escrita, já descrita pelos estudiosos citados, trouxe a contribuição dos estudos de Zorzi (1998) onde afirma que o aluno precisa entender a função social da escrita, e ela não se reduz às práticas repetitivas da escola. Enfatiza que o educador deve valorizar a produção das crianças, sempre destacando os avanços adquiridos e

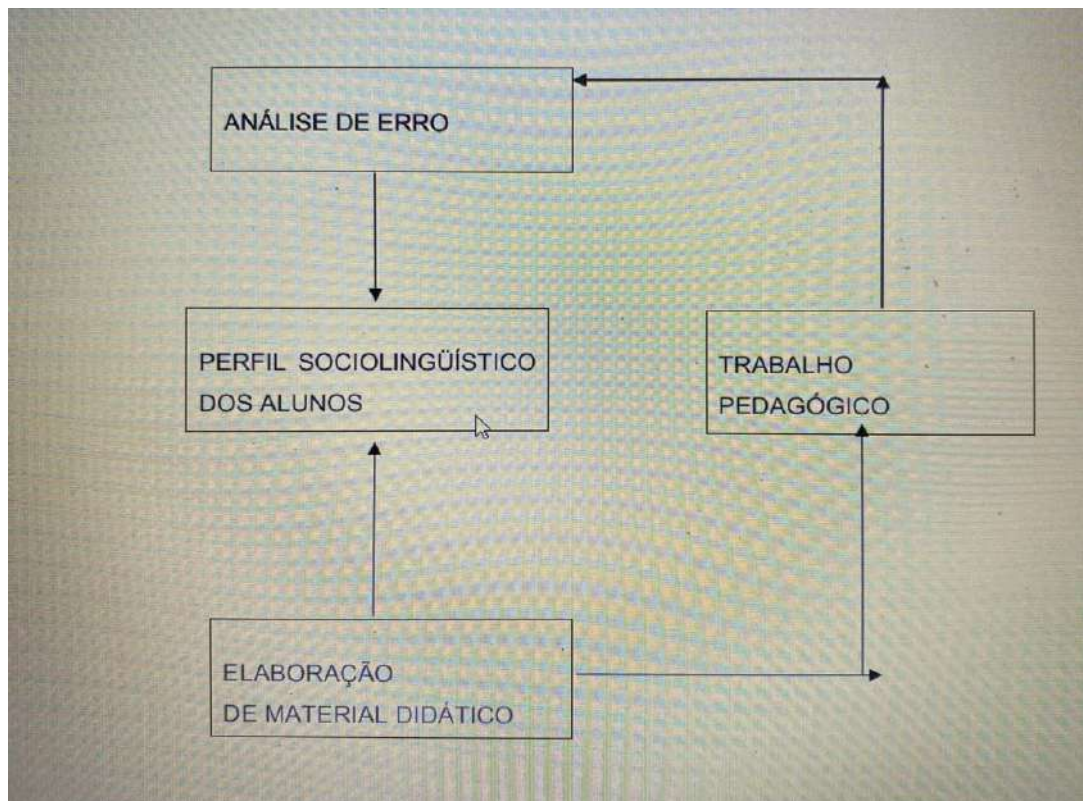
[...] ajudá-las a compreender a existência de correspondências múltiplas; a diferenciação entre letra e sons; as várias possibilidades de construção silábica; as diferenças entre falar e escrever; as correspondências quantitativas entre números de fonemas a serem escritos bem como o número de letras necessárias para escrevê-los, e assim por diante. Enfim, as regras do jogo da escrita devem ser mostradas de forma clara e sistemática (ZORZI, 1998, p. 107).

Como professores, não podemos deixar de trabalhar a norma-padrão. Porém, devemos, sim, conhecer os estudos variacionistas mais recentes que nos ajudarão a perceber que determinadas variações são perfeitamente explicáveis pelas próprias características da língua. Fundamentados nesses estudos teremos maiores condições de nos apropriarmos melhor de alternativas que nos ajudem a trabalhar o fenômeno da variação em sala de aula.

Não se pode confundir gramática normativa com a língua de um povo. A dificuldade, no entanto, é que, na maioria das vezes, se ensina gramática normativa como se estivesse ensinando língua materna, o que ocasiona certa confusão na cabeça dos alunos. Portanto, pesquisa linguística e ensino de gramática normativa devem se complementar para que mudanças de atitude no ensino possam realmente ocorrer. Segundo Bortoni-Ricardo (2005) para se realizar um trabalho deste poderá, inicialmente, ser levantado o perfil sociológico do aluno, a fim de fundamentar a formulação de uma ação educacional que atenda às seguintes condições:

- Respeitem-se as peculiaridades culturais do aluno, poupando-o do perverso processo de conflito de valores e de insegurança linguística;
- Garanta-lhe acesso à língua-padrão, permitindo-lhe mobilidade social;
- Seja facilmente operacionalizável.

O diagrama seguinte, inspirado em Corder (1973), representa as relações entre o processo de análise e diagnose de erros e as tarefas do sociolinguista e do professor:

Figura 1

A análise dos erros baseia-se em descrições sociolinguísticas das variedades da língua. Elas deverão incluir o levantamento detalhado da ocorrência das regras variáveis e complementar-se com estudos sociais que analisem a avaliação desses traços pelos falantes nos diversos estratos sociais. A análise, por sua vez, permite o levantamento de um perfil sociolinguístico dos alunos, o que servirá de subsídio para a elaboração de estratégias pedagógicas e de material didático adequado.

2.8 Norma culta

Faraco (2008) nos traz a expressão norma culta como o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorre habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita. Esse vínculo com os usos monitorados e com as práticas da cultura escrita leva os falantes a lhe atribuir um valor social positivo, a atribuir-lhe prestígio social. Por essa mesma razão, ela se tornou historicamente objeto privilegiado de registro, estudo e cultivo sociocultural. Esse processo produziu, no imaginário dos falantes, a representação dessa norma

como uma variedade superior, como uma variedade melhor do que todas as demais, o que os leva, inclusive, a confundir essa norma com a língua, ou seja, a imaginar que a norma mais monitorada é a língua. E que todas as demais variedades são deturpações, corrupções, degradações da língua verdadeira.

Ainda amparados pelos estudos de Faraco (2008), podemos nos perguntar: Quem é o falante “culto”? Para responder a essa pergunta, é necessário saber quem são os letrados na sociedade brasileira e quais grupos sociais servem de referências para determinarmos, objetivamente, os fenômenos que constituem a norma culta brasileira. Contudo, em uma sociedade brasileira que distribua de maneira igualitária a educação e a cultura, é mais adequado considerar letrados todos os que concluem pelo menos o ensino médio. Este é um critério que se constitui, historicamente, nas sociedades industriais modernas nos últimos duzentos anos. Se a maioria da atual população adulta brasileira não chegou a completar o ensino médio, a maioria dos nossos jovens não tem ainda acesso garantido a esse nível de ensino. Isso significa que a educação e a cultura estão muito mal distribuídas na nossa sociedade. Uma das consequências disso é o fato de só uma minoria ter acesso efetivo à cultura letrada, incluindo o estudo da chamada norma culta.

2.9 Entendendo a norma-padrão

Segundo Faraco (2002, p. 40), a norma-padrão seria aquela carregada de preconceitos em relação às demais variedades e que tem como objetivo – como o próprio nome diz – a padronização da língua, considerando tudo o que é diferente a ela como errado. Ainda segundo o autor, os diferentes grupos sociais se diferenciam, portanto, pelas formas de língua que lhes são de uso próprio. Assim, em uma sociedade diversificada e estratificada como a brasileira, haverá inúmeras normas linguísticas. Um mesmo falante domina mais de uma norma (já que a comunidade sociolinguística a que pertence tem várias normas) e mudará sua forma de falar (sua norma) variavelmente de acordo com as redes de atividades e relacionamentos em que se situa.

As regras gramaticais que conhecemos e que são ensinadas na disciplina de língua portuguesa nas escolas – regras que determinam como os alunos devem falar e escrever – são nomeadas por Faraco (2008) de “norma curta”, pois segundo ele essa norma é a miséria da gramática, sendo devidamente classificada por esse autor como:

Um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura do erro e têm impedido um estudo adequado da nossa norma culta/comum/Standard (FARACO, 2008, p. 92).

Este autor classifica norma culta como “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”, ou seja, a maneira como um falante de determinada língua costuma falar ou escrever certa expressão a qual utiliza em determinada situação, sendo assim, para cada grupo social de que fazemos parte, temos uma variação de nossa linguagem e para todas as quais têm uma norma. Daí pode surgir uma dúvida: se norma culta é isso, por que a confundimos com outras normas? Antes de responder a esta questão, é necessário, primeiramente, vermos os conceitos das demais normas. Em seguida, Faraco (2008) faz toda uma abordagem histórica do nome dado à norma padrão, esta nomeada por causa da necessidade de unificar a língua na sociedade feudal dos novos Estados Centrais Modernos (Europa), para minimizar os dialetos regionais e se falar uma única língua, no intuito de criar um instrumento político linguístico. Dessa forma, chega-se à concepção de que norma padrão:

“É uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização lingüística” (FARACO, 2008, p. 73).

No Brasil, este termo chamado de norma padrão se deu pelo fato de a elite letrada desejar viver em um país branco e europeizado, e também por inferiorizar a nossa variedade racial e dialetal, dessa forma, preferiram adotar a língua portuguesa, e para diferenciar o nosso português do português de Portugal resolveu-se, então, padronizar a fala e a escrita no Brasil, ou como chamava José de Alencar, abrigar o português. Faraco também cita outros literários que se preocupavam em “refinar” o português do Brasil, dentre eles, Gonçalves Dias.

No entanto, Faraco (2008) diz que eles defendiam o abrigamento com a intenção de satisfazer suas necessidades literárias, ou seja, enriquecer o nosso português no que diz respeito às expressões artísticas e dar ao povo uma literatura de modelo, o que não consistia em dar uma linguagem ao povo em geral, e sim a elite brasileira da época, já que quem os lia era a elite letrada. Sendo assim, é como Faraco (2008) coloca que eles queriam mudança e riqueza sim, mas com limites, com ressalvas.

Ainda afirma o autor que o povo mais conservador buscou fixar arbitrariamente uma norma para a escrita, enquanto que Alencar defendia a necessidade do estudo empírico para a questão da escrita, com isso, os conservadores passaram a acusar os literários de criarem

referências não seguras e até errôneas à população. Com a ideologia fixa da época de criar uma raça, chegamos à criação da norma curta, que recebemos de herança até os presentes dias. Então, na década de 1870 surge a disciplina de Língua Portuguesa no Colégio Pedro II e na década seguinte, surge a gramatização brasileira do português. Fato esse que vem nos enchendo de dúvidas e dificuldades de assimilação até hoje.

Nos dias atuais, dificilmente encontramos alguém que nos diga que gosta de estudar português, nossos alunos, inclusive, saem do ensino médio abalados com a sua própria língua, tudo isso pela forma que tiveram de abordagem gramatical trabalhada em todos os anos de escola. A gramática é tida como um bicho-papão, no entanto, alguns professores têm dificuldades de encontrarem outras maneiras de ensinar a língua, mas será mesmo necessário ensiná-la com tanta gramática, afinal, nossos alunos já chegam à escola sabendo falar, sendo assim, eles já sabem a língua.

Faraco (2008) contextualiza toda história da gramática em seu livro e ao fim dessas informações, podemos chegar à conclusão de que é realmente necessário ensiná-la, no que podemos acrescentar a afirmação situada à p. 158 (2008):

[..]só existe sentido em estudar gramática, se esses conteúdos estão claramente subordinados ao domínio das atividades de fala e escrita, isto é, se eles têm efetivamente relevância funcional. [...] estudar um conjunto de temas gramaticais pelo simples fato de estudá-los não tem a menor razão de ser.

Portanto, para finalizar, é válido citar outra fala desse autor, quando ele diz que “o estudo da norma culta tem por objetivo o domínio das formas de linguagem recobertas por valores positivos e vistas como adequadas em situações monitoradas de fala e de escrita” (p.160).

2.10 O preconceito linguístico

O preconceito linguístico está estreitamente ligado às variações linguísticas, pois nada mais é que um juízo de valor negativo sobre as variedades linguísticas da nossa língua. Segundo Marcos Bagno, um dos maiores pesquisadores do assunto no país, o preconceito linguístico pode ser classificado como todo juízo de valor negativo às variedades linguísticas de menor prestígio social. O que significa que agir com preconceito linguístico é estar convencido de que quem não se expressa de acordo com a norma culta está “usando o português errado”. Esse julgamento age na expressão mais informal da língua que se encontra ligada a classes sociais menos favorecidas, como também a regionalidades e sotaques.

Vivemos em um país de imensa extensão territorial, que foi formado por povos de muitas linguagens e culturas. Originamos de povos indígenas, afrodescendentes, latinos e europeus. Tudo isso traz diversidade social, cultural e regional, como também muitas variações linguísticas.

Esse é o motivo de muitos estudiosos acreditarem ser impossível falarmos sobre uma única forma linguística no país. O que realmente existe é uma língua comum e suas variedades.

Portanto, indicar que só existe uma forma correta de falar português significa praticar preconceito linguístico. De acordo com Bagno (2008):

Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar ‘do jeito que se escreve’, como se essa fosse a única maneira ‘certa’ de falar português. (...) É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada ‘artificial’ e reprovando como ‘erradas’ as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma.

Assim sendo, a variação linguística se relaciona com o preconceito linguístico a partir do momento em que uma variação é denominada como um erro de fala ou escrita. Ao indicar que uma variação linguística é um erro, é demonstrada a crença de que alguns regionalismos podem ter valor maior que outros. Por exemplo, dizer “tangerina” está errado e o correto seria dizer “mexerica ou bergamota” para se referir à fruta, significa dizer que a variação linguística falada no nordeste do país vale menos do que a falada no sul e sudeste.

Bagno (2008) mostra uma desconstrução do preconceito linguístico em algumas causas:

- **Preconceito regional** - ocorre quando pessoas que vivem em regiões com maior desenvolvimento econômico consideram-se superiores devido a regionalismos e sotaques. É bastante comum as pessoas do norte e nordeste serem vistas como menos cultas por pessoas do sudeste, centro-oeste e sul por causa do seu sotaque e regionalismos.
- **Preconceito socioeconômico** – ocorre principalmente quando indivíduos que tiveram acesso a uma educação formal e de qualidade julgam a fala e a escrita de pessoas com condições socioeconômicas inferiores e educação deficitária como erradas. Normalmente nesses casos apontar falhas gramaticais como “agente” e “a gente” ou “mais” e “mas” é bastante comum.

- **Preconceito cultural** – ocorre quando indivíduos que convivem em círculos mais cultos julgam outros que frequentam círculos mais populares como seres que usam a linguagem de forma errada. É comum vermos esse preconceito em letras de música como *rap* e *funk*, que são expressões culturais.

É válido citar que nossa língua é mutável, evolutiva e sempre irá se adequar dependendo de influências culturais e tecnológicas. Nesse sentido a adoção de estrangeirismos no nosso dia a dia como “influencer” e “feedback”, utilizado para se referir ao retorno de uma opinião ou contato, pode representar um nicho de fala de indivíduos da sociedade, contudo tais palavras que tomamos como empréstimo possuem sua ocasião de uso no âmbito informal.

O ideal seria utilizar regionalismos com o fim de criar sinônimos ou substituir outras palavras da nossa língua, evitando assim tratar as variações como formas erradas de falar o português brasileiro.

O preconceito linguístico pode trazer consequências para as pessoas que o sofrem. Algumas delas:

- Ter insegurança ao falar em público e de se expressar, receoso da opinião dos outros.
- Ficar fora de círculos sociais porque fala de um jeito diferente no tocante a palavras ou a sotaques.
- Prejudicar a autoestima, já que ela acredita que está errada e é difícil mudar.
- Dificultar a obtenção de um emprego, principalmente se ele tiver como pré-requisito a comunicação formal.

Para demonstrar o que foi dito, eis alguns exemplos de como acontece o preconceito linguístico com a pronúncia e com a gramática.

O primeiro tipo é representado por aqueles regionalismos e sotaques que não alteram a escrita das palavras, apenas a pronúncia. Por exemplo, como no Ceará e em Minas Gerais, os verbos no gerúndio geralmente são pronunciados sem o “d”: “ficanu”, “peganu”, “limpanu” etc. E também como a pronúncia do “r” por quem mora no Rio de Janeiro. Ele costuma ser chiado e o “r” do interior dos estados costuma soar enrolado.

O segundo tipo refere-se à gramática, quando ocorrem erros de concordância ou escrita. Por exemplo, “seje”, “a gente vamos”, “os carro”, “dois real” etc.

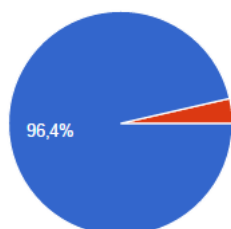
Os desvios citados fogem da norma padrão e do que é considerado correto em termos de língua, mas não justificam a existência do preconceito linguístico, principalmente se ocorreu a comunicação entre os envolvidos.

A extinção do preconceito linguístico, principalmente, de uma reconstrução social de alguns conceitos, mas na própria sala de aula há alternativa para o ensino da norma culta, que é a adequação linguística. Essa alternativa nos mostra que não existe maneira mais correta e mais incorreta de falar, mas a maneira mais adequada de acordo com o contexto em que a situação se encontra.

Por exemplo, em uma entrevista de emprego ou situação solene, o adequado seria utilizar a linguagem padrão (norma culta), já em reunião com os amigos ou situações do cotidiano, a opção seria pelo uso da linguagem coloquial (informal). Essa pode ser uma forma de se trabalhar a norma padrão da linguagem sem deixar de valorizar as variações linguísticas do nosso país.

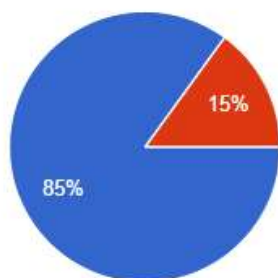
Uma enquete virtual realizada no ano de 2016 com 140 participantes feita pela universitária Raile Cabral, estudante do curso de Letras da Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns, que tem por finalidade contribuir com a disseminação de informações que combatam o preconceito linguístico, bem como, ajudar a entender o fenômeno de variação da língua foi adicionada a esta pesquisa com os seguintes resultados:

Você já considerou o jeito das outras pessoas se comunicarem como bonito, feio, lento, rápido e entre outros?



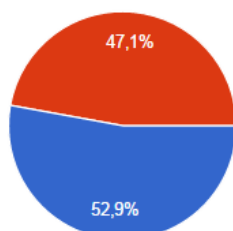
Sim	135	96.4%
Não	5	3.6%

Você sabe o que é variação linguística?



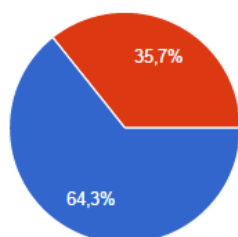
Sim	119	85%
Não	21	15%

Você já sofreu algum preconceito decorrente da discriminação em relação ao seu jeito de se comunicar? Ou mesmo a sua fala?



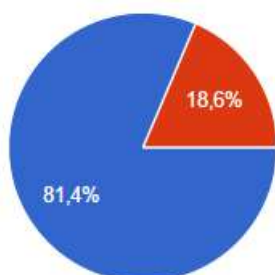
Sim	74	52.9%
Não	66	47.1%

Você já presenciou algum preconceito decorrente da discriminação em relação ao seu jeito de se comunicar? Ou mesmo a sua fala?



Sim	90	64.3%
Não	50	35.7%

Você já ouviu falar sobre preconceito linguístico?



Sim	114	81.4%
Não	26	18.6%

Fonte: <http://variacaoepreconceitolinguistico1.blogspot.com/2016/04/resultado-da-enquete-variacao-e.html?m=1/> Acesso em 12.05.2023

Os participantes dessa pesquisa estão na faixa etária entre 14 e 33 anos, o grau de escolaridade varia entre o Ensino Fundamental incompleto e o Ensino Superior completo e são do sexo masculino e feminino.

Pelo perfil da maioria dos participantes, foram coletados dados que conferem um conhecimento sobre o que seja a variação e o preconceito linguístico, comprovando também que essas pessoas já presenciaram ou sofreram "discriminações" com relação a sua linguagem.

Esses dados serviram de base para reflexão e para apoio em nossa pesquisa, proporcionando assim o melhor desenvolvimento do trabalho, além de colaborarem para o enriquecimento da nossa linha de estudos, já que pesquisas sobre o tema ainda necessitam de mais atenção e trabalho.

2.11 Panorama sobre o estudo da Gramática

O texto a seguir tem o objetivo de apresentar as definições e os tipos de gramáticas, bem como os principais aspectos da Sociolinguística relacionados à variação existente no português brasileiro.

Gramática nada mais é do que um conjunto de regras, em que o principal objetivo é o de definir e caracterizar as diferentes funções que existem tanto na língua escrita, quanto na língua falada, e que obedece àquilo que se denomina norma padrão da língua. Ainda definindo gramática, Travaglia (2002) afirma que seria um conjunto de regras que determinados autores encontram mediante dados analisados, embasando-se por meio de determinada teoria e método.

Partindo das definições que a gramática recebe, percebeu-se os seus desdobramentos, no decorrer dos séculos, surgindo, assim, algumas classificações necessárias para a sua abordagem, que facilitam seu estudo, pois conceituam as funções que cada tipo de gramática possui, e ainda, o objetivo que cada uma pretende transmitir. Portanto, serão aprofundadas as teorias relacionadas às gramáticas normativa, histórica, gerativa, descritiva e funcional no decorrer da próxima subseção.

2.11.1 Os tipos de Gramática

A Gramática Normativa, também chamada de Gramática Tradicional (GT), tem o papel de normatizar a língua, ditando regras e estruturas e não levando em consideração as variedades linguísticas, pelo fato de considerar em seu estudo apenas a língua escrita, deixando à margem a língua oral. Conforme Travaglia (2002), esse tipo de gramática é uma lei objetivada por regular o uso da língua na sociedade.

Segundo estudos de Travaglia (2002, p.30), Gramática Normativa:

[...] é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e lexicais), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como sendo a língua verdadeira.

Há também a Gramática Histórica, a qual Martelotta (2010) destaca que seria uma proposta de comparar categorias gramaticais de línguas de mesma origem, a fim de identificar a estrutura pela qual se originou determinada língua, e por onde essa se desenvolveu, isto é, a Gramática Histórica busca estudar a origem da língua, mas sem desconsiderar sua evolução, acompanhando seu processo de nascimento até o momento atual.

Já a Gramática Gerativa, ainda para Martelotta (2010), tem como principal objetivo analisar a estrutura gramatical das línguas, levando em consideração a linguagem que preexistiu dessa mesma língua. A língua passa a ser vista como um reflexo de princípios inatos referentes à gramática.

A Gramática Descritiva trabalha com as formas oral e escrita da língua. Descreve os conceitos linguísticos levando em consideração as variações existentes na língua. Segundo Travaglia (2002) a Gramática Descritiva trabalha com qualquer variedade da língua, não focalizando apenas na chamada norma-padrão.

Para a Gramática Funcional, o uso social da língua deve ser inserido de maneira apropriada, considerando a competência comunicativa, ou seja, para Neves (1991), essa gramática leva em consideração tanto a capacidade que os indivíduos possuem de codificar e decodificar expressões, como também o uso e interpretação dessas expressões da maneira que achar satisfatória.

Hoje, temos consciência de que a língua é um elemento vivo, evolutivo e limitar a Gramática apenas à taxação de regras, não se adequa ao uso da língua.

De acordo com essas reflexões, percebeu-se a importância de se pensar em gramática e associá-la aos estudos variacionistas da Sociolinguística, uma vez que essa, muitas vezes, é apenas descrita aos alunos em sala de aula de forma imposta, como regra, não levando em consideração as variações existentes no idioma, bem como não é discutido, na escola, o fator responsável por essas variações e a maneira pela qual devem ser refletidas com esses alunos.

2.12 A concordância verbal e sua variação

A concordância verbal (doravante CV) atravessa a vida escolar dos alunos e é trabalhada nas gramáticas normativas e nos livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio. Esse conteúdo pode ser trabalhado sob diferentes perspectivas, o que ajuda aos professores a desenvolverem um trabalho direcionado em sala de aula.

De acordo com Bechara (2009, p. 654, grifos do autor), “[...] em português a concordância consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada. [...] Diz-se concordância verbal a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração.”

A forma como a CV é utilizada pode designar status social, pois se não é valorizada, a sociedade pode considerar o indivíduo como despreparado para assumir cargos em que sejam necessárias uma oratória e escrita adequadas. Em geral, quem não faz um bom uso da CV é estigmatizado. Por isso a Sociolinguística está sendo relacionada ao tema, pois as regras da GN ainda reinam ao tratar do assunto.

Um exemplo de que a CV está estreitamente ligada ao prestígio social é o caso da jornalista Maria Júlia Coutinho (Maju Coutinho), uma mulher negra que se destacou na mídia brasileira ao assumir o comando de um jornal televisivo de grande audiência. Além de a apresentadora sofrer preconceito racial, ainda sofreu com comentários desrespeitosos acerca de algumas falas como: “As manchas de óleo continua” e “A maioria estão”. As críticas foram apontadas como “erros” pelos espectadores. Uma jornalista foi desacreditada por causa da exigência da GN em suas palavras, desprezando a compreensão no momento da comunicação.

Todos os estudos da Sociolinguística buscam realizar uma discussão que estimulem o ensino contextualizado e reflexivo de GN nas aulas de LP, em que sejam propostas atividades que considerem o uso da língua e suas variações de forma relacionada às questões histórico-sociais (CHAGAS, 2018). Entendemos que o ensino da CV, em muitos casos, tem sido tratado a partir de um modelo de memorização de regras, que reflete métodos ultrapassados de ensino, muitas vezes separados da realidade até mesmo dos falantes mais escolarizados. A compreensão do enunciado deve ser mais importante do que a realização da CV de acordo com a norma-padrão e, para isso, é preciso (re)pensar o ensino de LP, considerando que o contexto comunicativo determina qual a variedade deve ser utilizada. Sobre o tema, Rissato (2018) esclarece:

Para um falante nativo de língua portuguesa, dizer “Os meninos comeram” ou “Os meninos comeu”, com ausência de concordância verbal, promoverá o mesmo significado, comprovando que a não realização da CV não pode ser considerada erro. Neste caso, o que ocorreu foi apenas uma inadequação à norma culta da língua. Os alunos precisam ser levados a compreender que determinados contextos, mais formais e monitorados, exigem que eles marquem a CV de acordo com a norma culta, como em uma entrevista de emprego ou em um vestibular. O ensino precisa, portanto, ser reflexivo e não impor uma variedade linguística simplesmente por questão de prestígio. (RISSATO, 2018, p. 148, grifos da autora)

A variação na concordância do português falado no Brasil tem sido bastante estudada, registrada na fala de pessoas com pouca escolarização e, particularmente, de área rural, bem como, registrada na fala de pessoas de nível de escolarização diversa, tanto em áreas urbanas quanto rurais em todo o país. Muitos trabalhos têm sido desenvolvidos com esta temática, destacam-se entre outros: MOTTA (1979) que analisou a fala de adolescentes da cidade de Salvador; Nicolau (1984, id.,1988) que analisou dados de falantes de Belo Horizonte; Scherre (1978,id.,1988) que trabalhou com falantes do Rio de Janeiro para dissertação de mestrado; Guy (1981) estudou os dados do *Projeto Competências Básicas do Português*, analisando a concordância de número entre os elementos do sintagma nominal. Em 1988, Scherre reanalisou a temática da concordância nominal e desenvolveu sua tese de doutorado; Lopes (2002) analisou o português popular falado de Salvador para fins de sua tese de doutorado; e outros.

A regra de concordância verbal de número também tem sido muito estudada pelos pesquisadores da área de Sociolinguística Variacionista. Naro (1997) constatou que quando a forma de terceira pessoa do plural for muito diferente da forma de terceira pessoa do singular, há mais probabilidade de os falantes fazerem a flexão. É o chamado princípio da saliência fônica. EX: Em formas como ‘estavam, querem, sabe, fazem’, há mais tendência de haver a flexão do que em formas como foram, fizeram, jogaram. Outra constatação foi a de que existe maior probabilidade de ocorrer a flexão na forma verbal quando o sujeito é anteposto ao verbo. Quando é posposto tendemos a não flexionar o verbo. EX: ‘os jornais chegaram/já chegou os jornais’. O professor deve tratar prioritariamente as variáveis que mais atuam para a ocorrência do ‘erro’ na escrita. EX: sintagmas verbais e nominais cujo plural é regular e menos saliente fonicamente, como ‘ele fala’ – ‘eles falam’ ou casa – casas constituem o subgrupo mais problemático para o falante, que costuma marcar geralmente o plural nas formas mais marcadas fonicamente apenas no primeiro elemento no sintagma nominal (MOLLICA, 2000, p. 60).

O objetivo deste estudo é investigar a concordância verbal no português brasileiro, bem como no português utilizado na escrita dos gêneros virtuais, entendendo assim, que a variação na concordância verbal é um fenômeno social que necessita de intervenções em sala de aula, posto que a variação na concordância verbal tem um componente que parece puramente

fonológico: quando o plural *comem* se reduz ao singular *come*. Tal regra existe atualmente no português do Brasil e opera, variavelmente, também, sobre formas não formais. Conclui-se que:

[...] a redução morfológica da concordância é um desenvolvimento mais tardio, criado a partir da generalização da redução fonológica. De fato, esta primeira etapa, a desnasalização, existe na fala popular de Portugal, principalmente, na região de Entre-Douro-e-Minho. (NARO e SCHERRE, 1993, p.442).

Percebemos que essa regra é bem antiga: a omissão da nasal final é frequente nos textos medievais portugueses e até em latim clássico a nasal final era fraca.

Segundo os estudos de Said-Ali (2001, p. 205):

Consiste a concordância em dar a certas palavras flexionáveis as formas de gênero, número ou pessoa correspondentes à palavra a que no discurso se referem. É a prática decorrente da própria flexiologia. Desde que de um vocábulo se oferecem várias formas à escolha, e o dito vocábulo vem determinar, esclarecer ou informar alguma coisa a respeito de outro, escolheremos naturalmente aquela forma que se harmonizar com este outro termo.

Conforme as considerações do autor, pode-se entender que a concordância no português brasileiro é o processo em que determinadas palavras devem se afinar com outras dentro da oração.

Estudos variacionistas sobre a concordância verbal em variedades populares do português brasileiro têm constituído contraexemplos evidentes em relação a uma implicação da hipótese da deriva. Se assumirmos que existe um processo de longo prazo de perdas de marcas morfológicas embutido na deriva secular da língua, seria de esperado que análises em tempo aparente realizadas na atualidade apontassem para um processo gradual de perda das marcas de concordância verbal, como sugerido por Naro (1981). Mas, desde a década de 1980 até a atualidade, estudos variacionistas têm revelado um padrão de aquisição da regra de concordância em variedades populares do PB. (NINA, 1980; VIEIRA, 1995; SILVA, 2003, 2005; ARAÚJO, 2014)

Essa tendência de mudança, em contrapartida, ajusta-se perfeitamente ao algoritmo da “polarização sociolinguística”, que temos desenvolvido para explicar a realidade social da língua no Brasil. Essa formulação assenta na oposição entre duas grandes normas sociolinguísticas, a “norma culta” e a “norma popular”, que se opõem em três planos (LUCCHESI, 2001, 2002b, 2006, 2015):

- (i) na frequência de uso das variantes linguísticas (na maneira como seus membros usam a língua);

- (ii) na avaliação subjetiva da variação linguística (na maneira como seus membros avaliam as formas alternativas em uso na língua);
- (iii) nas tendências de mudança em curso (na maneira como esse grupo estaria mudando o seu comportamento linguístico).

No tocante às dificuldades dos alunos do EF quanto à concordância verbal, esta pesquisa aborda dois pontos específicos: o desvio de concordância de número, ou seja, a inadequação da concordância de número entre o sujeito e o verbo e a confusão nas terminações “am” e “ão” dos verbos no pretérito e futuro.

Quando se usa a GN, faz-se necessário obedecer às normas de concordância, ou seja, para escrever um texto em um ambiente formal, quer seja acadêmico, quer seja profissional, deve-se monitorar a linguagem escrita, fazendo assim o uso da variante urbana de prestígio. Para Cunha e Cintra (1985), a variabilidade do verbo deve estar em conformidade ao número e à pessoa do sujeito, dessa maneira, à medida que o verbo muda, o sujeito, elemento integrante da oração, deve de fato concordar com ele, evitando ainda que possa ocorrer a repetição desse sujeito, servindo assim como elemento de coesão. Desse modo, trazer atividades que desde o EF já explorem a concordância verbal entre sujeito e verbo é de crucial importância para a inserção da escrita dos alunos em futuras situações em que a norma culta seja solicitada.

As regras básicas da concordância verbal são, conforme Grisolia e Sborgia (2004, p. 310), as seguintes:

- 1) Verbo concorda em pessoa e número com o sujeito simples.
- 2) Verbo concorda gramaticalmente com o sujeito composto, quando anteposto ao verbo.
- 3) Verbo concorda gramatical e atrativamente com o sujeito composto, quando posposto ao verbo.

Para Perini (2008), a concordância verbal é a consequência da sinalização redundante de algum elemento da oração. A GN impõe várias categorias para ditar as regras de concordância, isso acaba se tornando um empecilho no aprendizado dos alunos, até mesmo porque “A concordância é um campo vastíssimo, em que constantemente entram em conflito a rigidez lógica gramatical e os direitos superiores da imaginação e da sensibilidade” (LIMA, 2008, p. 407-408). Ainda sobre o tema, Tondo (1978) afirma que a GN não considera a “gramática particular” do falante/ouvinte nativo a qual possui regras de concordância inconscientes e ainda, tem como objetivo normatizar a competência linguística do aluno, por meio de suas prescrições. Dessa forma, cabe a nós professores proporcionar a melhor forma de transmitir esse conteúdo aos alunos, pois o ensino de concordância é de extrema importância para a produção textual, não somente pelo fato de o texto ficar em consonância com a norma

padrão, mas ainda, pelo fato de ser um aspecto relevante para leitura e compreensão de textos. Além disso, todo aluno deve saber usá-la, pois assim como a oralidade, a escrita estigmatiza o indivíduo na sociedade, relacionando a variação linguística à falta de conhecimento da língua materna. A partir das definições citadas, buscamos apresentar como abordar o ensino de gramática na escola, levando em consideração os aspectos da concordância verbal e a maneira como é tratada e refletida com os alunos, utilizando gêneros comuns e situações de oralidade, leitura e escrita.

Ao observarmos a escrita dos alunos e suas dificuldades com a concordância, sentimos a necessidade de buscar estratégias de ensino também no que se refere à confusão nas terminações do verbo no plural nos tempos pretérito e futuro “am” e “ão”. Sobre esse assunto, percebemos que os desvios decorrentes de trocas das terminações “am” e “ão” ocorrem devido as terminações terem a mesma pronúncia.

Segundo Zorzi (2003, p.101), as pessoas têm tendência de substituir a terminação “am” por “ão” “uma vez que, do ponto de vista fonético, ambas as terminações são pronunciadas da mesma forma, ou seja, como ão”.

A utilização dessas terminações é para diferenciar os tempos verbais de certas palavras como: começarão/começaram, casarão/casaram, costurarão/costuraram, colocarão/ colocaram, gostão/gostam, dentre outras. Desvios como esses chamaram nossa atenção, pois é bastante comum encontrá-los nas atividades de produção escrita.

Diante disso, fez-se necessária uma reflexão não somente sobre a escrita em desacordo com as regras gramaticais, mas também sobre como trabalhar esses tipos de dificuldades em comunhão com a Sociolinguística, pois de acordo com Nunes (2003) que em seus estudos confirmou que a criança aprende por meio da intermediação do professor e dos colegas, “num processo marcado pela tensão e contradição inerentes às interlocuções em classe e pelo envolvimento significativo dos alunos com o conhecimento”, ou seja, por meio dos questionamentos diante das dúvidas apresentadas. Portanto “o professor tem o papel de estar atento ao processo de elaboração dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente”. Essa intermediação do professor e dos colegas nos remete a todo o contexto relacionado, principalmente o meio em que vivem e sua linguagem própria.

2.13 A grafia convencional e a linguagem da internet

O tema central a ser trabalhado pretende familiarizar sobre o processo de desenvolvimento da escrita dentro do contexto atual, assumindo como tema norteador a linguagem da internet que algumas vezes acarreta dificuldade na elaboração da grafia.

O escrever abreviado e a falta de concordância verbal adequada a cada dia que passa se difunde no dia a dia dos jovens, trazendo assim alguns *déficits* em relação à aquisição da linguagem protocolar.

Um dos pontos deste trabalho nos propõe à busca e ao entendimento do porquê de a linguagem escrita ser tão transformada em sites de relacionamentos e como essas transformações influenciam na aprendizagem do indivíduo. A dúvida em questão remete as dificuldades de escrita em relação à linguagem da internet. Esse conflito da linguagem via internet vem afetando significativamente a qualidade dos trabalhos escritos de muitos jovens, já que, o ato da leitura passa a ser algo do passado e desinteressante aos jovens da nossa nova sociedade informatizada.

É notório o delicado conflito entre a grafia convencional e a linguagem da internet, pois o uso cada vez mais presente do computador, aparelhos celulares, *smartphones*, cria uma nova forma de escrita em que o jovem abrevia as palavras para serem mais rápidos e exatos em suas mensagens. Ao escrever formalmente os erros são evidentes estando fora do acordo gramatical.

Segundo Freitas (2005, p. 13):

A maior parte das características do pensamento e da demonstração fundadas no oral é pautada com a interiorização do som. As palavras proferidas são ouvidas e internalizadas. Com a escrita, precisa-se de outro sentido: a visão. As palavras não são mais ouvidas, mas vistas; no entanto, o que se vê não são as palavras reais, mas símbolos reunidos, que chamam na consciência do leitor palavras reais; o som se diminui ao apontamento escrito. A investigação desse foco sobre a escrita virtual e a sua interferência no cotidiano leva – se a aproximar as diferenças entre as escritas, analisando algumas conversas, para compreender as diferentes modalidades no cotidiano focando a internet como meio de estudo.

Embora a escrita virtual não seja o tema a se pesquisar neste trabalho, é de grande relevância associá-la ao contexto de estudo, pois a forma em que a escrita nos gêneros digitais é feita fomenta as inadequações gramaticais e reforça também equívocos de concordância verbal. Assim, durante os trabalhos de escrita de gêneros em sala de aula é conveniente esclarecer essa relação e buscar estratégias para que tais inadequações sejam corrigidas, levando em consideração o contexto social do grupo inserido nos estudos.

Desse modo, a concordância na elaboração de uma escrita formal é indispensável, seja em uma redação ou para enviar um e-mail no ambiente profissional. Esse tipo de situação precisa ser desenvolvida em sala de aula juntamente com um suporte de atividades que orientem os alunos a escreverem seus textos de forma adequada e consciente, para o público-alvo.

3 METODOLOGIA

3.1 Contexto da pesquisa

Tem-se como objetivo nesta seção mostrar como se caracteriza a pesquisa realizada, quem a constitui e como ocorrerão as atividades necessárias para a melhoria das dificuldades dos alunos com o tema estudado. Neste trabalho, inicialmente, utilizaríamos como metodologia a pesquisa qualitativa, com foco na modalidade pesquisa-ação, que traz como objeto de investigação a situação social e os percalços envolvidos. A pesquisa-ação requer o planejamento de atividades que serão executadas por um grupo, sendo que o acompanhamento delas deve ser feito pelo professor-pesquisador, observando e registrando as etapas do processo que possam ser importantes para a análise e a reflexão dos objetivos desejados.

Como já especificado acima, esta pesquisa caracterizar-se-ia como pesquisa-ação, pois seria realizada em associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, cujo pesquisador desempenha um papel ativo na busca de solução de problemas já esperados ou de problemas porventura encontrados (THIOLLENT, 1985).

A particularidade da pesquisa-ação diz respeito à conscientização do grupo com a ação coletiva, o saber precisa estar disponível a todos.

É, portanto, segundo Thiollent (1985, p. 14)

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Contudo, devido ao contexto de pandemia do coronavírus, nossa pesquisa teve seu foco em propor atividades e estratégias com a produção final de um Caderno Pedagógico.

3.2 Tipos de pesquisa

A pesquisa realizada foi do tipo investigativa e propositiva, descrevendo as dificuldades mais relevantes sobre a concordância verbal na escrita dos gêneros por turmas do sexto e sétimo ano baseada em testes diagnósticos e, porém, além da investigação, são propostas atividades para serem utilizadas por outros professores com seus respectivos alunos do Ensino Fundamental sobre a temática investigada. Essa investigação é de cunho pedagógico e

desenvolveu-se no contexto de uma escola pública municipal em Fortaleza-Ce. O objetivo inicial foi fazer um levantamento das principais dificuldades de concordância verbal através de atividades aplicadas com esse fim.

Os gêneros textuais escolhidos para a pesquisa foram os mais trabalhados em sala de aula, de acordo com a sequência do livro didático utilizado em cada turma, considerando sua funcionalidade e aplicabilidade à realidade dos alunos. Da mesma forma, o tema que será escolhido para a proposta de produção será devidamente contextualizado, já que pretendemos abordar questões relacionadas ao contexto social dos alunos.

Nosso principal interesse será o de investigar a concordância verbal de maneira inadequada nos gêneros trabalhados. Além disso, propor atividades que orientem os professores de Língua Portuguesa em sala de aula através de um Caderno Pedagógico com atividades embasadas na BNCC.

3.3 Participantes

A partir da análise de produção escrita (produção inicial), foram observados no ato de redigir dos alunos do 6º e 7º ano aspectos como: a composição do texto, a representação da situação de comunicação, a estrutura constitutiva dos gêneros, as marcas de implicação do autor, o tipo de discurso predominante e o uso das marcas linguísticas próprias dos gêneros estudados.

Partindo dos conhecimentos prévios sobre os gêneros em questão, trabalhamos com a finalidade de desenvolver nos alunos participantes a competência e o desempenho necessários à produção escrita.

Os sujeitos participantes desta pesquisa são alunos do Ensino Fundamental, distribuídos em turmas do sexto e sétimo ano, de uma escola municipal no bairro Vila Velha, em Fortaleza - Ce. A faixa etária destes estudantes varia entre 11 e 13 anos. Os alunos residem no entorno da escola e em bairros circunvizinhos, além de a maioria das famílias estarem em situação de vulnerabilidade social.

QUADRO 1: Idades e turmas dos alunos

IDADES E TURMAS DOS ALUNOS INVESTIGADOS		
ALUNOS	IDADES	TURMAS
Aluno 01	11 anos	6º ano A Manhã
Aluno 02	11 anos	6º ano A Manhã
Aluno 03	11 anos	6º ano B Manhã
Aluno 04	11 anos	6º ano B Manhã
Aluno 05	12 anos	6º ano C Manhã
Aluno 06	12 anos	6º ano C Manhã
Aluno 07	12 anos	6º ano C Manhã
Aluno 08	13 anos	7º ano A Manhã
Aluno 09	13 anos	7º ano A Manhã
Aluno 10	13 anos	7º ano A Manhã
Aluno 11	13 anos	7º ano A Manhã
Aluno 12	13 anos	7º ano A Manhã
Aluno 13	13 anos	7º ano A Manhã
Aluno 14	13 anos	7º ano A Manhã
Aluno 15	12 anos	6º ano A Tarde
Aluno 16	12 anos	6º ano A Tarde
Aluno 17	12 anos	6º ano B Tarde
Aluno 18	12 anos	6º ano B Tarde
Aluno 19	12 anos	6º ano C Tarde
Aluno 20	12 anos	6º ano C Tarde

Fonte: Autora

Nesse quadro acima, as linhas em cor azul representam os meninos e as linhas em cor vermelha representam as meninas. São crianças muito participativas, e que colaboram com alegria nas atividades de escrita, fazendo com que a educação faça a diferença em suas vidas. Muitas, na verdade, iam à escola com um intuito maior de se socializarem uns com os outros, porém, mesmo com a pouca idade, acreditavam que o estudo poderia mudar suas vidas. Em sua maioria, eram conscientes de que os estudos poderiam lhes proporcionar uma condição de vida melhor.

A escola localiza-se no bairro Vila Velha (próximo à Avenida Mozart Lucena, via de grande fluxo e comércio local), que conta com dois postos de saúde e linhas de ônibus que passam pelo terminal do Antônio Bezerra. Há mais escolas municipais e uma estadual na vizinhança, sendo a da presente pesquisa a que possui o maior número de alunos matriculados, em torno de 1.400, as demais são de ensino regular e integral, e dispõem apenas do ensino fundamental de anos iniciais e médio.

A escola participante do projeto possui atualmente 18 turmas, sendo 3 do ensino fundamental anos iniciais e 15 do ensino fundamental anos finais. A carga horária semanal destinada às aulas de Língua Portuguesa no ensino fundamental anos finais corresponde a

quatro horas-aula (três destinadas ao ensino de compreensão textual e análise linguística e uma direcionada à produção textual). O pesquisador é o atual responsável pela disciplina de Língua Portuguesa dos 6º anos nas turmas A, B e C, 7º ano turma A no turno manhã e 6º anos nas turmas A, B e C no turno tarde.

Os alunos participantes da pesquisa desenvolveram as atividades propostas em 3 módulos de uma sequência didática a serem realizadas em 10 (dez) encontros, de 2 (duas) horas-aula cada.

O *corpus* analisado consta de textos produzidos por cada um dos alunos, que foram digitados com a preservação da escrita de cada produtor, inclusive das inadequações de concordância verbal.

A investigação aqui proposta parte das observações de um fenômeno particular: a dificuldade de concordância verbal em gêneros nas produções de alunos de sextos e sétimos anos do EF em uma escola pública municipal, para, a partir das regularidades verificadas, avançar a uma generalização, o que caracteriza a adoção de um método indutivo.

O material a ser analisado na pesquisa abrange os textos produzidos pelos estudantes que participarem de todas as atividades da sequência didática. Esses textos foram denominados:

a) *produção inicial*, a ser realizada já no primeiro encontro, após a apresentação, porém antes da proposição das atividades de leitura e escrita e do estudo aprofundado dos gêneros nos módulos.

b) *produção final*, a ser desenvolvida após o último módulo da sequência didática, quando se espera que os alunos tenham aperfeiçoado sua competência discursiva escrita, atentando-se à concordância verbal adequada e se apropriado dos gêneros estudados, cumprindo, assim, o propósito comunicativo da proposta de produção.

Para a realização da proposta inicial, utilizamos cópias de uma proposta de produção de um resumo, elaborada de acordo com a realidade dos alunos. Assim, pretendemos abordar um tema contextualizado, direcionado aos alunos de Ensino Fundamental Anos Finais. Para isso, foi feita uma breve revisão sobre os aspectos constitutivos dos gêneros e, em seguida, solicitada a produção escrita individual.

Durante o desenvolvimento dos módulos da sequência didática, utilizamos as cópias dos textos e das atividades propostas – as quais não constam no livro didático – que foram distribuídas individualmente ou em duplas. Também foi feito o uso de quadro branco, pincel e apagador, além de computador e projetor disponíveis na escola, de acordo com o planejamento de cada encontro.

As atividades fazem parte de um Caderno Pedagógico e norteiam os procedimentos adotados em sala de aula para que as dificuldades dos alunos sejam trabalhadas. O Caderno Pedagógico possui a atribuição de orientar os professores e alunos na resolução do problema. Ele contempla atividades que, além do ensino das regras gramaticais, também, envolvam outras que valorizem o ambiente em que os alunos vivem, já que à luz da Sociolinguística, o fator social interfere diretamente na aprendizagem, tornando a escrita um código grupal. Compreender esse fator torna o trabalho mais profundo e reflexivo.

3.4 Atividades diagnósticas e procedimentos

Antes da proposição das atividades do Caderno Pedagógico, é necessário disponibilizar aos alunos atividades diagnósticas de produção textual ancoradas em gêneros conhecidos e já trabalhados em sala de aula. Os mesmos gêneros trabalhados no produto desta pesquisa: O Caderno Pedagógico. O intuito da atividade é incentivar a escrita livre, utilizando gêneros textuais pessoais, como convite, meme, diário, anúncio, cartaz, placa e carta pessoal, pois a concordância verbal pode ser analisada em foco. Inclusive as experiências pessoais dos alunos também podem gerar temas de rodas de conversa posteriormente.

A produção textual a seguir, que será a primeira atividade diagnóstica, deverá ser antecedida de uma explanação sobre linguagem formal e informal, seguida de perguntas sobre situações do cotidiano em que as linguagens devem ser utilizadas.

QUADRO 2: Explanação sobre linguagem formal e informal.

ATIVIDADE DE ORALIDADE

TEMA: Linguagem Formal e Informal

- 1- Você já percebeu que há situações em que nossa forma de falar e escrever devem ser diferentes?
- 2- Na sua opinião, a maneira que nos comunicamos com os amigos e a família pode ser utilizada em todos os lugares que frequentamos?
- 3- Qual o tipo de linguagem que usamos de forma espontânea, dinâmica e sem pretensões?
- 4- Quando estamos em uma situação que requer regras impostas pela Gramática, como a elaboração de textos ou apresentações, que tipo de linguagem deve ser usada?

A atividade de oralidade acima evidencia um dos objetivos da nossa pesquisa que é utilizar o conhecimento de mundo do aluno, ou seja, valorizar a sua realidade, sua linguagem social. Ao responderem às questões do quadro, eles podem também compartilhar com a turma situações de trocas em seus respectivos grupos sociais. Desse modo, discussões e compatibilidades podem surgir. Após a conclusão da atividade de oralidade, eis a primeira atividade diagnóstica de produção textual.

QUADRO 3: Primeira Atividade diagnóstica

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA Nº 1

GÊNERO: CONVITE

ALUNO: _____

ANO: 6º TURMA: _____ PROFª: Márcia

DATA: ____/____/____

Imagine que você terá uma festa de aniversário na sua casa e deseja convidar todos as crianças da sua rua e colegas de sala.

Como deverá ser o convite?

É importante que seus convidados se sintam atraídos a irem à sua festa! Para isso, dê informações sobre o tema, as atrações e as brincadeiras que vão fazer parte da festa.

Além dessas informações, o convite deve ter:

-  O nome do aniversariante. (Quem convida);
-  A data, a hora e o local do evento;
-  O corpo do convite (Atividades que ocorrerão na festa. Ex.: Jogos, pintura facial, oficina de desenhos, competição de dança etc.)
-  O nome do convidado;
-  Indicação de que é necessário confirmar a presença;
-  Despedida com uma frase, mostrando que é importante que estejam todos presentes.

A segunda atividade diagnóstica explora outro gênero bastante comum na realidade atual dos estudantes. O meme além de divertir, também pode ser trabalhado de forma crítica, dando a possibilidade ao aluno de expressar sua opinião acerca de temas relevantes para a sociedade. Antes da produção, alguns memes serão mostrados no quadro através do projetor, leitura discussões e reflexões ocorrerão. Em seguida, nos prepararemos para a escrita. Nesse momento, folhas de papel sulfite serão distribuídas, assim como lápis de cor para as ilustrações. Segue esboço da atividade:

QUADRO 4: Segunda Atividade diagnóstica

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA Nº 2	
GÊNERO: MEME	
ALUNO: _____	
ANO: 7º	TURMA: _____ PROFª: Márcia
DATA: ____/____/____	
Seja criativo e engraçado criando seu próprio meme! Você poderá utilizar a imagem abaixo ou escolher/desenhar uma outra. O tema do seu meme será a Pandemia do Coronavírus.	
https://www.piima.es.gov.br/porta/uploads/documento/42/202010191 / Acesso em: 07.05.2023	

O diário pessoal, tema da próxima atividade diagnóstica, é um gênero textual de grande importância nesta pesquisa, pois a escrita de fatos do cotidiano dos alunos, assim como a forma que é escrito em relação à concordância verbal, vai ao encontro do objetivo que almejamos.

Nesta atividade, antes da produção escrita, haverá a apresentação do gênero com toda sua estruturação e especificidades, desde os elementos obrigatórios do texto até sua concordância em primeira pessoa.

Para que a produção escrita seja concretizada, faremos uma atividade com o texto em lacunas para os estudantes o completarem. O projetor estará preparado com o texto, haverá a leitura coletiva. Após esse momento, cópias impressas do texto serão distribuídas para, em duplas, eles escreverem as palavras que faltam.

Ao final dessa etapa, concluiremos a correção, trazendo o foco dela para a concordância verbal de número, um desvio bastante comum nas produções escritas e de oralidade.

QUADRO 5: Terceira Atividade diagnóstica

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA 3
GÊNERO: DIÁRIO PESSOAL
ALUNO: _____
ANO: 6º TURMA: _____ PROFª: Márcia
DATA: ____/____/____
Fortaleza, ____ de _____ de 2023.
_____,
Ontem _____ (começou/começaram) as aulas na minha escola nova e eu já gostei de lá. Conheci um monte de gente. As pessoas _____ (é/são) legais e acho que os professores _____ (gostou/gostaram) de mim. Minha mãe disse que vou ser muito feliz lá, mas sinto muita falta dos meus amigos da outra escola. Eles _____ (faziam/fazia) eu rir muito. Era muito divertido estar com eles.
Agora vou fazer minhas tarefas de casa para poder brincar com minhas irmãs. Elas _____ (estavam/estavam) esperando eu chegar em casa. Tomara que amanhã também seja um bom dia na escola.

É importante salientar o uso da linguagem informal que caracteriza o gênero, visto que um dos objetivos ao se trabalhar esse conteúdo, é adequar o tipo de linguagem à situação.

Posteriormente, outros gêneros e circunstâncias poderão ser utilizados para que a diferença entre linguagem formal e informal sejam inseridas nos contextos adequados.

Como já antes citado, um dos propósitos desta pesquisa é abordar a Sociolinguística dentro das normas gramaticais de concordância verbal, portanto, na composição do Caderno Pedagógico proposto há atividades que reverenciam as variedades linguísticas em suas

diferentes formas. Nesta seção também inserimos uma atividade diagnóstica sobre o tema, utilizando o gênero tirinha como ponto de partida para o trabalho.

Para iniciar a atividade, um projetor em sala deverá mostrar as tirinhas que serão visualizadas pela turma. Leitura e primeiras impressões devem ser discutidas em grupo. Após os apontamentos de todos os alunos, cada tirinha será lida pelo professor, juntamente com a explicação do tipo de variação linguística a que pertencem. Pretendemos após a conclusão da atividade diagnóstica oral que os estudantes identifiquem cada tipo de variação e também compreendam a importância do respeito e valorização da diversidade da nossa língua.

Eis as tirinhas a serem expostas e as questões oralmente discutíveis:

QUADRO 6: Quarta atividade diagnóstica

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA COLETIVA (ORALIDADE)

6º e 7º ANOS



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/34834321/> Acesso em: 07.05.2023



Fonte: <https://www.tudosaladeaula.com/2021/03/atividade-portugues-variacao-linguistica/> Acesso em: 07.05.2023



Fonte: <https://pt.slideshare.net/TeixeiraSilva/1-variedades-linguisticas/> Acesso em: 07.05.2023



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/40182116/> Acesso em: 07.05.2023

À medida que as tirinhas forem trabalhadas e explicadas suas classificações de acordo com as variedades linguísticas, o professor poderá contextualizar os textos com a realidade dos alunos e fazer perguntas do tipo:

*Variação regional ou geográfica (tirinha 1)

- Que outra palavra típica do cearense pode ser utilizada?

*Variação social (tirinha 2)

- Você acha que o papagaio falava “errado”? Qual o motivo dele falar assim?

*Variação situacional (tirinha 3)

- Que tipo de linguagem as personagens falam nos três primeiros quadrinhos da tira?

Você acha que uma conversa entre pai e filho deve ter formalidade ou informalidade?

*Variação histórica (tirinha 4)

- Quais são as palavras do último quadrinho que você não reconhece? Pelo contexto, você consegue imaginar o que o homem falou?

Esse tipo de atividade reflexiva tem por objetivo incentivar a valorização da variedade linguística dos alunos, assim como introduzir o conteúdo da atividade relacionada presente no Caderno Pedagógico. Em nossa opinião, é de grande importância para o desenvolvimento do senso crítico e argumentativo do estudante compreender que embora a nossa variedade seja considerada como linguagem informal, ela pode e deve ser acatada nas situações sociais sem que haja sensação de inferioridade.

Ao abordarmos a questão da sensação de inferioridade, podemos a partir disso incorporar outros motivos como a insegurança em se expressar, a baixa autoestima e a sensação de incapacidade. Esses motivos interferem diretamente na aprendizagem dos alunos e devem ser trabalhados com a ajuda de atividades socioemocionais.

Acreditamos em um conjunto de estratégias de aprendizagem que envolvam a Gramática, a Sociolinguística e o Socioemocional para facilitar a compreensão dos estudantes em sala de aula.

Dando continuidade às nossas propostas de atividades para a compreensão da concordância verbal através de gêneros textuais, trouxemos o gênero placas.

As placas possuem um papel sociocultural e linguístico, assim é possível mostrar aos alunos a função social do gênero que está presente no cotidiano deles desde antes da alfabetização. A Atividade 5 do Caderno Pedagógico traz uma placa com alguns desvios de concordância verbal. Antes de focarmos na correção desses desvios é necessário que haja uma reflexão sobre a importância desse gênero, assim como seu objetivo.

Pensando nisso, a atividade diagnóstica a seguir pretende mostrar diferentes tipos de placas, suas funções sociais, estruturas e finalidades.

Quinta atividade diagnóstica

GÊNERO: PLACAS

ALUNO: _____

ANO: 6º TURMA: _____ PROFª: Márcia

DATA: ____/____/____

Observe as placas abaixo.

Figura 2



Fonte: <https://tinyuri.com/y4hjm7c/> Acesso em 10.05.2023

Figura 3

Fonte: <http://ggmeufacebook.blogspot.com/> Acesso em: 10.05.2023

Figura 4

Fonte: <https://portuguesemplacas.blogspot.com/> Acesso em: 10.05.2023

Ao expor as placas acima no projetor em sala de aula, em um primeiro momento os alunos deverão identificar o gênero, de forma geral informar onde pode ser encontrado e dar alguns exemplos de placas que eles já visualizaram nas adjacências de suas moradias.

Com isso, já familiarizados com o gênero, pois está inserido em seu contexto social, podemos dar início à leitura coletiva das placas, perguntando onde elas poderiam ter sido colocadas e trazer questionamentos:

* Qual o objetivo da placa 1? Que mensagem ela pretende nos passar?

* Onde a placa 2 poderia estar fixada? E a placa 3?

* Você consegue identificar algum desvio na escrita delas?

Após as respostas às questões, podemos trabalhar a concordância verbal inadequada presente em cada placa, adequando-a à norma padrão.

Essa atividade diagnóstica tem a intenção de refletir sobre esse gênero tão comum no dia a dia dos alunos, compreender a relação sujeito/verbo e prepará-los para a resolução das demais atividades sobre o assunto. Espera-se uma grande interação da turma, pois o acesso ao gênero é abundante.

Sugerimos que ao término da atividade, sejam distribuídos papéis e lápis de cor para que os estudantes produzam suas próprias placas.

Sexta atividade diagnóstica

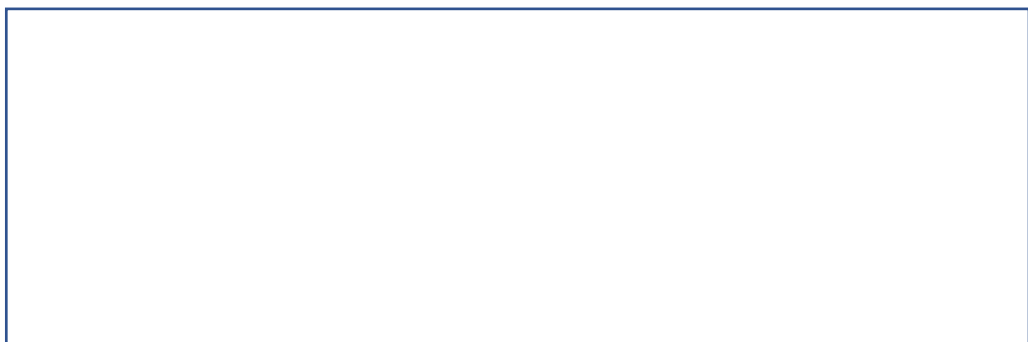
GÊNERO: PLACAS

ALUNO: _____

ANO: 6º TURMA: _____ PROF^a: Márcia

DATA: ____/____/____

Como você representaria as coisas que mais gosta? Crie uma placa com suas paixões.



A BNCC (1997) nos traz orientações essenciais para que os professores desenvolvam o ensino-aprendizagem do gênero notícia de forma eficaz e de qualidade, proporcionando aos estudantes a possibilidade de desenvolvimento da capacidade de leitura e de produção de textos, por meio da articulação das linguagens e da construção de sentido, contribuindo para a formação e atuação de uma sociedade responsável e consciente. Baseados nisso, a notícia é o gênero que abordaremos na próxima atividade diagnóstica. Antes mesmo de nos aprofundarmos na escrita do gênero, alguns pontos podem ser trabalhados, como: suportes, manchetes, notícias que estão em evidência nos meios de comunicação, notícias que os alunos já leram/ouviram e chamaram a atenção, dentre outros.

As Fake News também aparecem como tema importante a ser discutido junto ao gênero notícia. Conceituando, são notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações verdadeiras. Esse tipo de texto, em sua maior parte, é feito e divulgado com o objetivo de validar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo (geralmente figuras públicas). O tema pode gerar boas reflexões, portanto aulas específicas podem ser reservadas para o assunto.

QUADRO 7: Sétima atividade diagnóstica

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA 7 (ORALIDADE)

GÊNERO: NOTÍCIA

ALUNO: _____

ANO: 6º E 7º TURMA: _____ **PROFª: Márcia**

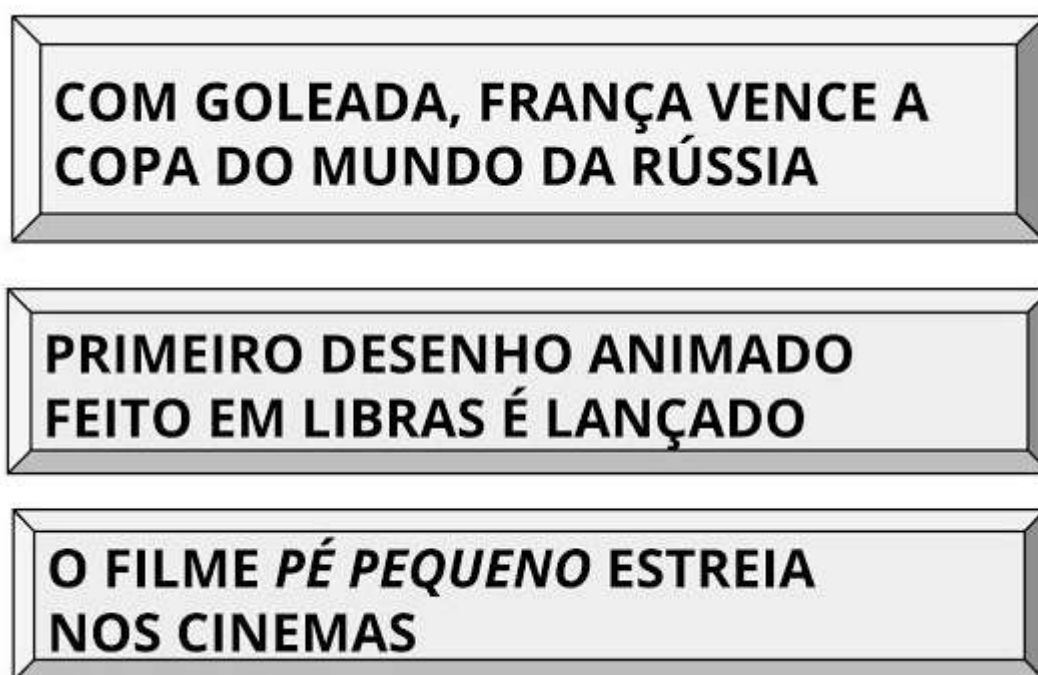
DATA: ____/____/____

- 1) Onde podemos ler/ouvir notícias?
- 2) O que é uma manchete? Dê exemplos.
- 3) Quais os temas mais noticiados atualmente?
- 4) Que notícia chamou mais a sua atenção até hoje? Comente sobre ela.
- 5) Como podemos descobrir se uma notícia é fato ou fake?

Após a predição acima, continuando a atividade diagnóstica 7, poderemos realizá-la agora com enfoque gramatical, em que sujeitos e verbos das manchetes deverão ser identificados, assim como analisadas as respectivas concordâncias verbais.

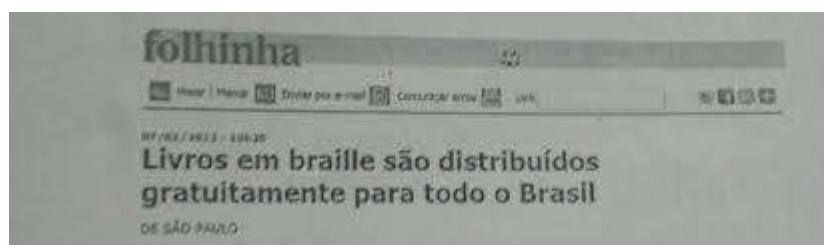
Inicialmente, observe as manchetes das imagens abaixo.

Figura 5



Fonte: <https://jornaljoca.com.br/portal/category/br/> Acesso em: 18.05.2023

Figura 6



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/20185297/> Acesso em: 18.05.2023

* Identifique os sujeitos das manchetes:

- Manchete 1 _____

- Manchete 2 _____

- Manchete 3 _____

- Manchete 4 _____

* Agora, destaque os verbos de cada uma:

Apresentar as manchetes na lousa em cartaz ou slide, indicando, primeiramente o tipo de sujeito e a pessoa do verbo a que se refere. Depois, demonstrar o verbo conjugado naquela pessoa e número já observados no sujeito. Por fim, apresentar a regra a que obedece a concordância apresentada. Com isso, os objetivos da atividade seriam: analisar manchetes de jornais físicos ou on-line, fazer o uso adequado da norma culta da língua portuguesa e utilizar regras básicas de concordância verbal, contribuindo assim para uma melhor preparação para as demais atividades.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho nos proporcionou muitas vertentes a respeito da aquisição de conhecimentos linguísticos plausíveis. Dentre elas, que o convívio social exerce uma grande influência sobre a fala e a escrita dos alunos e de quem está no processo de aquisição da norma culta da língua portuguesa, como outros seguimentos escolares. Compreendemos que os alunos do Ensino Fundamental Anos Finais necessitam de uma atenção especial no modo em que o conteúdo gramatical de concordância verbal é repassado, levando sempre em consideração especificidades que vão além da idade e ano escolar em que estão matriculados, já que eles têm a tendência de registrar na escrita a linguagem como utilizam na fala.

Em consideração a isso, elaboramos uma proposta de atividades que buscasse tratar os desvios mais recorrentes gerados por conta dessa tendência, como o desconhecimento das terminações *ão/am* no final dos verbos no pretérito e no futuro do presente do indicativo e os desvios de concordância entre o sujeito e o verbo. Além disso, basear os estudos em gêneros textuais mais próximos da realidade dos estudantes, nos fez abordar a sociolinguística de maneira contextualizada, ligando as regras gramaticais ao universo social dos alunos. Essa ideia de complementação entre a regra e o meio em que os alunos vivem oportuniza a eles o conhecimento, a fim de que eles tenham mais confiança, consigam se comunicar melhor e se sintam mais inseridos na sociedade.

O papel do professor diante disso é fundamental a fim de auxiliar seus alunos a compreenderem que na escrita existem normas que devem ser seguidas, mas também suas origens devem ser respeitadas, valorizadas e trazidas para a sala de aula. É importante não só levá-los a compreender isso, a ter essa consciência, mas também trabalhar continuamente com o intuito de que eles aprendam e sistematizem esse conhecimento.

Com o objetivo de propor atividades que facilitem a aquisição do conhecimento de concordância verbal, elaboramos atividades diagnósticas para que um trabalho de predição seja feito em sala de aula antes das atividades do Caderno Pedagógico. Ambas as atividades priorizam gêneros textuais como placas, anúncios, diário, memes, cartazes, dentre outros. Questões de interpretação com tirinhas, textos com lacunas, atividades com o foco na oralidade e incentivo ao pensamento crítico fazem parte das estratégias de ensino do conteúdo. Contudo, ao sugerirmos a utilização do Caderno Pedagógico, solicitamos aos professores que façam as adequações necessárias de acordo com as particularidades das suas turmas.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística - Parte I. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (ed.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Esquecer para lembrar**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática** – por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de. Internet, hipertexto e gêneros digitais: novas possibilidades de interação. **Cadernos do CNLF**, v. 15, n. 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p.633-639. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_1/55.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 14724**: Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação. 3. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz? 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. *Revista Presença Pedagógica*. V. 14, n. 79, jan./fev. 2008.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística** - objetos teóricos. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRAINLY. Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/42230476> Acesso em: 29.03.2023.
- BRAINLY. Disponível em: <https://pt-static.z-dn.net/files/d7b/16978f2c5dd51bb392b043abaf70663a.jpg/> Acesso em: 29.03.2023
- BRAINLY. <https://brainly.com.br/tarefa/40182116/> Acesso em: 07.05.2023
- BRAINLY. <https://pt.slideshare.net/TeixeiraSilva/1-variedades-linguisticas1/> Acesso em: 07.05.2023
- BRAINLY. <https://www.tudosaladeaula.com/2021/03/atividade-portugues-variacao-linguistica/> Acesso em: 07.05.2023

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educar é a base. Comitê Gestor da Base Nacional Comum Curricular e reforma do Ensino Médio. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRIGHT, William. **Sociolinguistics**: proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964. Vol. 20. Mouton & Company, 1966.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Ortografia não é apenas escrever palavras com a grafia correta. **Com Ciência** – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. 2009. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=51&id=636>> Acesso em: 10.01.2023.

CARRAHER, Terezinha Nunes. Explorações sobre o desenvolvimento da competência em ortografia em português. **Psicologia**: teoria e pesquisa, v. 1, n. 3, p. 269-285, 2012.

CEJA VIRTUAL. Disponível em: <http://cejarj.cecierj.edu.br/ava/> Acesso em: 31.05.2023.

CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: Martelotta, M.E. (org.) *et al.* Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAGAS, Danieli Silva. Concordância verbal: estratégias para o trabalho com os três eixos para o ensino de gramática. In: VIEIRA, S. R. (org.). **Gramática, variação e ensino**: diagnose e propostas pedagógicas. São Paulo: Blucher, 2018. p. 61-94.

COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria N. de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CORDER, Pit. **Introducing Applied Linguistic**. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. cap.3. p. 37-61.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, Fernanda. CORREA, Jane. Consciência metalinguística e a representação da nasalização na escrita do português brasileiro. **Revista CEFAC**, v. 12, n. 1, p. 40-50, 2010.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006.

GRISOLIA, Miriam Margarida & SBORGIA, Renata Carone. **Português sem segredos**. São Paulo: Madras, 2004, p.310.

GUY, Gregory Riordan (1981). **Linguistic variation in Brazilian Portuguese**: aspects of the phonology, syntax, and language history. Ann Arbor: University Microfilms International.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. **Competências básicas do português**. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras – Fundação Mobral e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1976.
- LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 47. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 407-408.
- LOPES, Norma da Silva. **Concordância nominal, estrutura linguística e sociedade**. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador (BA), 2002.
- LUCCHESI, Dante (1994). Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. **Revista internacional de língua portuguesa**, Lisboa, n. 12, p. 17-28.
- LUCCHESI, Dante. **As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil**. DELTA, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-130, 2001.
- LUCCHESI, Dante. **Norma linguística e realidade social**. In: BAGNO, M. (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002b. p. 63-92.
- LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, 2006, p. 83-112.
- LUCCHESI, Dante. 2015a. **O contato entre línguas na história sociolinguística do Brasil**. In: VALENTE, André (Org.). *Unidade e Variação na Língua Portuguesa: suas representações*. São Paulo: Parábola. p. 80-100.
- LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- MANGUEIRA, Ronaldo Júnior.; CARVALHO, Márcia. Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil; **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos** | E-ISSN: 1982-2243 | v.24, n.3, 2020.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita – atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; S.J Votre; M.M Cezario. *Tempo Brasileiro*, 1996. 184, 1996. Sociolinguística. **Manual de linguística 1**, 2010.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. Uma interpretação para a generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. Gragoatá, p. 11-27, 2000.
- MOLLICA, Maria Cecília; Maria Luíza Braga. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto. ISBN 85-7244-222-7. 200p. 2003.
- MORAIS, Artur Gomes de (org.). **O aprendizado da ortografia**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MOURA, Denilda. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. In: Denilda Moura (org.). **Leitura e escrita: a competência comunicativa**. Maceió: EDUFAL, p. 11-26, 2007.

MOTA, Márcia Elia. Considerações sobre o papel da consciência morfológica nas dificuldades de leitura e escrita: uma revisão da literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 2, 2008.

MUSIXMATCH. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/> Acesso em: 20.05.2023.

NARO, Antony Julius. **The social and structural dimensions of a syntactic change**. *Language*, v. 57, p. 63-98, 1981.

NARO, Anthony & SCHERRE, Martha. A Concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. **Organon – A variação do Português do Brasil**. Porto Alegre: UFRGS – Instituto de Letras, 1991.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente**. In: HORA, Dermeval da (org.). *Diversidade Linguística no Brasil*, 93-114. João Pessoa: Ideia. 1997

NEVES, Maria Helena Moura. **O ensino da gramática**. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, v.4, p.43-52, 1991.

NICOLAU, Maria Eunice das Dores. **A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. Belo Horizonte, 1984.

NINA, Terezinha. **Concordância nominal/verbal do analfabeto na Micro Região Bragantina**. 164 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1980.

NUNES, L. R. O. P. “Linguagem e comunicação alternativa: uma introdução”. In: NUNES, L.R.O.P (org.). **Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro: Dunya, p. 1-13, 2003.

OLSON, David Richard; TORRANCE, Nancy. **Cultura Escrita e Oralidade**: 2. ed., São Paulo: Ática, 1996.

PEREIRA, Marina Lúcia. **A construção do letramento na educação de jovens e adultos**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica / FCH-FUMEC, 2007.

PERINI, Mário Alberto. **Estudos de gramática descritiva: As valências verbais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PORTUGUÊS EM PLACAS. Disponível em: <https://portuguesemplacas.blogspot.com/> Acesso em: 01.03.2023.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Política linguística: do que é que se trata, afinal?** In: NICOLAIDES, Christine *et al.* (org.). *Política e políticas lingüísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2013, p, 19-42.

RISSATO, Carla Balan. **Variação linguística e ensino: o fenômeno da concordância verbal no sexto ano do ensino fundamental II de uma escola pública de Orlândia-SP**. 2018. 154 p.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2018.

SAID ALI, Manuel. ([1921] 2001). **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 8. ed. rev. atual. São Paulo: Melhoramentos/ Brasília: Editora Universidade de Brasília.

SANTOS, Renata L. de Araújo. A metodologia da pesquisa em sociolinguística variacionista. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 97, junho de 2010.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. **Fórum lingüístico**, Florianópolis, UFSC, v. 1, n. 1, p. 45-71, jul./dez. 1998

SLIDE SHARE. Disponível em: www.slideshare.net/ Acesso em: 15.04.2023.

TARALLO, Fernando. A pesquisa socio-lingüística. 3.ed. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

TONDO, Nádia Vellinho. **Sintaxe e semântica da concordância verbal**. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1978.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º grau**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VIEIRA, Iúta Lerche. **Escrita, para que te quero?** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; UECE (Coleção magister), 2005.

VIEIRA, Silvia Rodrigues (org.). **Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2017a.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Três eixos para o ensino de gramática: uma proposta experimental. In: NORONHA, Claudiany Amorim; SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de (org.). **Escola, ensino e linguagens**. Natal: EDUFRRN, 2017b.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. [1968].

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico**. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais**. Porto alegre: Artmed, 2003.

APÊNDICE A - ATIVIDADES DIAGNÓSTICAS

Primeira atividade diagnóstica

ATIVIDADE DE ORALIDADE

TEMA: Linguagem Formal e Informal

- 1- Você já percebeu que há situações em que nossa forma de falar e escrever devem ser diferentes?
- 2- Na sua opinião, a maneira que nos comunicamos com os amigos e a família pode ser utilizada em todos os lugares que frequentamos?
- 3- Qual o tipo de linguagem que usamos de forma espontânea, dinâmica e sem pretensões?
- 4- Quando estamos em uma situação que requer regras impostas pela Gramática, como a elaboração de textos ou apresentações, que tipo de linguagem deve ser usada?

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA Nº 1

GÊNERO: CONVITE

ALUNO: _____

ANO: 6º TURMA: _____ PROFª: Márcia

DATA: ____/____/____

Imagine que você terá uma festa de aniversário na sua casa e deseja convidar todos as crianças da sua rua e colegas de sala.

Como deverá ser o convite?

É importante que seus convidados se sintam atraídos a irem à sua festa! Para isso, dê informações sobre o tema, as atrações e as brincadeiras que vão fazer parte da festa.

Além dessas informações, o convite deve ter:

- ✚ O nome do aniversariante. (Quem convida);
- ✚ A data, a hora e o local do evento;
- ✚ O corpo do convite (Atividades que ocorrerão na festa. Ex.: Jogos, pintura facial, oficina de desenhos, competição de dança etc.)
- ✚ O nome do convidado;
- ✚ Indicação de que é necessário confirmar a presença;
- ✚ Despedida com uma frase, mostrando que é importante que estejam todos presentes.

Segunda atividade diagnóstica

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA Nº 2

GÊNERO: MEME

ALUNO: _____

ANO: 7º TURMA: _____ PROFª: Márcia

DATA: ____/____/____

Seja criativo e engraçado criando seu próprio meme! Você poderá utilizar a imagem abaixo ou escolher/desenhar uma outra. O tema do seu meme será a Pandemia do Coronavírus.



Terceira atividade diagnóstica

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA 3

GÊNERO: DIÁRIO PESSOAL

ALUNO: _____

ANO: 6º TURMA: _____ PROFª: Márcia

DATA: ____/____/____

Fortaleza, ____ de _____ de 2023.

_____,

Ontem _____ (começou/começaram) as aulas na minha escola nova e eu já gostei de lá. Conheci um monte de gente. As pessoas _____ (é/são) legais e acho que os professores _____ (gostou/gostaram) de mim.

Minha mãe disse que vou ser muito feliz lá, mas sinto muita falta dos meus amigos da outra escola. Eles _____ (faziam/fazia) eu rir muito. Era muito divertido estar com eles.

Agora vou fazer minhas tarefas de casa para poder brincar com minhas irmãs. Elas _____ (estavam/estavam) esperando eu chegar em casa.

Tomara que amanhã também seja um bom dia na escola.

Quarta atividade diagnóstica

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA COLETIVA (ORALIDADE)

6º e 7º ANOS



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/34834321/> Acesso em: 07.05.2023



Fonte: <https://www.tudosaladeaula.com/2021/03/atividade-portugues-variacao-linguistica/> Acesso em: 07.05.2023



Fonte: <https://pt.slideshare.net/TeixeiraSilva/1-variedades-linguisticas1/> Acesso em: 07.05.2023



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/40182116/> Acesso em: 07.05.2023

*Variação regional ou geográfica (tirinha 1)

- Que outra palavra típica do cearense pode ser utilizada?

*Variação social (tirinha 2)

- Você acha que o papagaio falava “errado”? Qual o motivo dele falar assim?

*Variação situacional (tirinha 3)

- Que tipo de linguagem as personagens falam nos três primeiros quadrinhos da tira?

Você acha que uma conversa entre pai e filho deve ter formalidade ou informalidade?

*Variação histórica (tirinha 4)

- Quais são as palavras do último quadrinho que você não reconhece? Pelo contexto, você consegue imaginar o que o homem falou?

Quinta atividade diagnóstica

GÊNERO: PLACAS

ALUNO: _____

ANO: 6º TURMA: _____ PROFª: Márcia

DATA: ____/____/____

Observe as placas abaixo.





Ao expor as placas acima no projetor em sala de aula, em um primeiro momento os alunos deverão identificar o gênero, de forma geral informar onde pode ser encontrado e dar alguns exemplos de placas que eles já visualizaram nas adjacências de suas moradias.

Com isso, já familiarizados com o gênero e inserido em seu contexto social, podemos dar início à leitura coletiva das placas, perguntando onde elas poderiam ter sido colocadas e trazer questionamentos:

* Qual o objetivo da placa 1? Que mensagem ela pretende nos passar?

* Onde a placa 2 poderia estar fixada? E a placa 3?

* Você consegue identificar algum desvio na escrita delas?

Após as respostas às questões, podemos trabalhar a concordância verbal inadequada presente em cada placa, adequando-a à norma padrão

Sexta atividade diagnóstica

GÊNERO: PLACAS

ALUNO: _____

ANO: 6º TURMA: _____ PROF^a: Márcia

DATA: ____/____/____

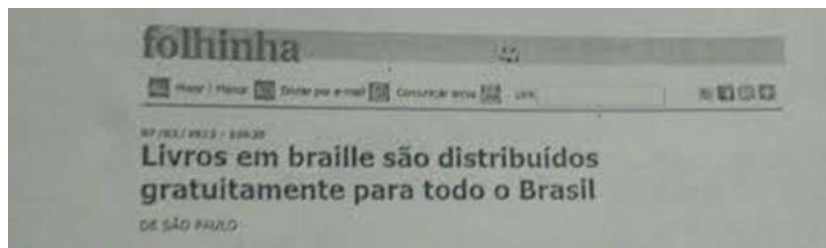
Como você representaria as coisas que mais gosta? Crie uma placa com suas paixões.

QUADRO 7: Sétima atividade diagnóstica**ATIVIDADE DIAGNÓSTICA 7 (ORALIDADE)****GÊNERO: NOTÍCIA****ALUNO:** _____**ANO: 6º E 7º TURMA:** _____ **PROFª: Márcia****DATA:** ____/____/____

- 1) Onde podemos ler/ouvir notícias?
- 2) O que é uma manchete? Dê exemplos.
- 3) Quais os temas mais noticiados atualmente?
- 4) Que notícia chamou mais a sua atenção até hoje? Comente sobre ela.
- 5) Como podemos descobrir se uma notícia é fato ou fake?

Após a predição acima, continuando a atividade diagnóstica 7, poderemos realizá-la agora com enfoque gramatical, onde sujeitos e verbos das manchetes deverão ser identificados, assim como analisadas as respectivas concordâncias verbais.

Inicialmente, observe as manchetes das imagens abaixo.



**COM GOLEADA, FRANÇA VENCE A
COPA DO MUNDO DA RÚSSIA**

**PRIMEIRO DESENHO ANIMADO
FEITO EM LIBRAS É LANÇADO**

**O FILME *PÉ PEQUENO* ESTREIA
NOS CINEMAS**

* Identifique os sujeitos das manchetes:

- Manchete 1 _____

- Manchete 2 _____

- Manchete 3 _____

- Manchete 4 _____

* Agora, destaque os verbos de cada uma:

Apresentar as manchetes na lousa em cartaz ou slide, indicando, primeiramente o tipo de sujeito e a pessoa do verbo a que se refere. Depois, demonstrar o verbo conjugado naquela pessoa e número já observados no sujeito. Por fim, apresentar a regra a que obedece a concordância apresentada. Com isso, os objetivos da atividade seriam: analisar manchetes de jornais físicos ou on-line, fazer o uso adequado da norma culta da língua portuguesa e utilizar regras básicas de concordância verbal, contribuindo assim para uma melhor preparação para as demais atividades.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS-PROFLETRAS

**ATIVIDADES
NORTEADORAS
SOBRE
CONCORDÂNCIA
VERBAL E
SOCIOLINGUÍSTICA
NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

MÁRCIA MARIA DE OLIVEIRA

FORTALEZA-CE/2023



Fonte: <https://br.depositphotos.com/> Acesso em: 27.02.2023.

APRESENTAÇÃO

Para a construção de uma proposta pedagógica baseada em práticas sociolinguísticas foi necessária a realização de atividades de oralidade, leitura e escrita em sala de aula do Ensino Fundamental Anos Finais, um trabalho focado em fornecer experiências sobre a concordância verbal em textos escritos nas redes sociais com o objetivo de proporcionar elementos à construção de material instrucional para o professor, de modo a orientá-lo quanto à forma de trabalhar a variação de maneira a promover o domínio de estilos formais do português.

Mollica (2003, p.90) nos diz que “(...) uma proposição pedagógica sobre o português escrito pode deixar muitas lacunas, se não forem levados em conta aspectos importantes dos mecanismos que operam os fenômenos dos usos da língua oral coloquial”. Com isso, o ensino da concordância verbal não se deve ater somente ao ensino da gramática ou substituí-lo por prática de leitura e produção textual, mas deve ser baseado na conscientização do aluno, na identificação dele no contexto de estudo. Tal afirmação do autor reforça ainda mais a necessidade de um trabalho que leve em consideração seus grupos sociais, ou seja, o meio em que vivem

O ponto de partida para a criação dessas atividades foi a observação da escrita dos nossos alunos das turmas de 6º e 7º ano. Percebemos grandes deficiências no domínio da concordância verbal da língua portuguesa. Para identificar quais eram os desvios mais recorrentes, elaboramos atividades diagnósticas e averiguamos suas maiores dificuldades no que se refere à concordância verbal na escrita de gêneros textuais. Como resultado, propomos atividades neste caderno pedagógico que possam subsidiar outros alunos que porventura venham a apresentar as mesmas dificuldades, além de colaborar com a pesquisa dos professores sobre o tema.

SUMÁRIO

Introdução	79
Desvios produzidos por desconhecimento entre -am e -ão no final dos verbos e Ausência de concordância de número entre o verbo e o sujeito	80
Módulo 1	81
Atividade 1	82
Atividade 2	88
Atividade 3	90
Módulo 2	92
Atividade 4	93
Atividade 5	95
Módulo 3	96
Atividade 6	97
Atividade 7	99
Atividade 8	100
Respostas	103
Conclusão	111
Referências	112

INTRODUÇÃO



Prezado(a) professor(a),

Este caderno pedagógico foi elaborado devido à conclusão do curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Ele foi criado com o objetivo de orientar professores de Língua Portuguesa para a prática da docência no Ensino Fundamental, aperfeiçoando essa prática. Pretendemos, com este trabalho, dar a contribuição necessária aos interesses de professores do Ensino Fundamental Anos Finais, às práticas de ensino de concordância verbal. Escolhemos trabalhar esse tema por notar que há uma necessidade muito recorrente de tratar dificuldades que os alunos têm em concordar o verbo e o sujeito em consonância com a norma culta da língua portuguesa, as quais ocorrem pelo fato de adequarem suas expressões à variedade utilizada pelo grupo em que se insere ou deseja se inserir. Somos cientes de que trabalhar a concordância verbal é muito importante, uma vez que os alunos tenham propriedade desse conteúdo, se sentirão seguros e mais confortáveis para escreverem seus textos fazendo um uso adequado da língua portuguesa. Em virtude disso, disponibilizamos propostas de atividades que subsidiarão o professor de língua portuguesa no seu trabalho permanente de ensinar a norma padrão da língua portuguesa com relação aos processos de concordância verbal e suas particularidades relacionadas aos grupos sociais inseridos. Intencionamos que este material sirva de apoio em sua prática docente, e que, com a colaboração dele, você, professor, tenha um suporte em suas pesquisas e inspiração para também contribuir com outros docentes no trabalho de facilitar a concordância verbal da língua portuguesa.

Apreciem com seus alunos!



Fonte: <https://www.armarinhofogaca.com.br> /Acesso em: 27.02.2023

DESVIOS PRODUZIDOS POR DESCONHECIMENTO ENTRE -AM E -ÃO NO FINAL DOS VERBOS E AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA DE NÚMERO ENTRE VERBO E SUJEITO

De acordo com resultados dos testes diagnósticos com atividades de concordância verbal realizados com turmas do 6º e 7º ano, verificou-se a recorrência maior de desvios causados pela relação grafofonológica da terminação [ãw] dos verbos no pretérito e no futuro do presente do indicativo, como por exemplo “lutaram” e “lutarão”. A partir da identificação da dificuldade dos alunos, recorremos aos estudos de (MANGUEIRA; CARVALHO, 2020) com objetivo de criar as estratégias de ensino do conteúdo.

Os desvios escolhidos para trabalharmos neste estudo foram identificados pela professora das turmas pesquisadas como muito recorrentes. E isso ocorre porque o falante algumas vezes tende a escrever conforme fala. Mota (2008) pontua que três habilidades metacognitivas contribuem de forma causal para a aprendizagem da escrita: a consciência fonológica, a consciência morfológica e a consciência sintática.

O caso tratado envolve a múltipla possibilidade de representação grafêmica da nasalidade em PB, com <m>, <n> ou til, bem como o conhecimento de uma regularidade acentual do PB conectada a uma regularidade morfossintática da conjugação verbal (CARRAHER, 2012; FERREIRA; CORREA, 2010). O conhecimento dessas regularidades, se desenvolvidas de maneira participativa e reflexiva sobre o uso da língua, pode mudar a escolha de grafemas para essas formas verbais.

Assim como o caso citado acima, outra situação é bastante recorrente na escrita de verbos nos gêneros trabalhados em sala de aula: a ausência de concordância de número entre verbo e sujeito, como por exemplo, “Os meninos joga.” Essa variação na concordância de número apresenta um grande número de ocorrências em produções textuais e até mesmo na forma de falar dos alunos.

Dessa forma, foram elaboradas atividades direcionadas para tratar os desvios citados, com a proposta de colaborar para que os professores tenham opções de estratégias relacionadas ao conteúdo, ajudando os alunos com essas dificuldades. Assim, pretende-se contribuir para a unificação da escrita, a fim de que haja uma forma gráfica que possibilite uma leitura fluente e uma comunicação eficaz.

As atividades que formam este Caderno Pedagógico estão organizadas conforme uma proposta para o ensino de gramática em três eixos (VIEIRA, 2017) em que o EIXO I considera a Gramática como atividade reflexiva, aliado ao EIXO II que corresponde ao desenvolvimento da competência comunicativa, tendo como objetivo principal o EIXO III, que trata da variação linguística, especialmente voltado para o ensino da concordância verbal. A ideia é orientar os professores para que reflitam sobre suas metodologias em sala de aula, encontrando ideias de atividades que podem ser adaptadas às suas realidades.

MÓDULO 1

As variedades linguísticas e a Gramática

Vamos iniciar a sequência de atividades com questões relacionadas à variação linguística, visto que o objetivo deste trabalho parte de um viés sociolinguístico da gramática.

OBJETIVOS:

- Compreender o conceito de variação linguística;
- Investigar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto abordado;
- Levar os alunos a reconhecer e a valorizar a importância da influência dos diferentes grupos sociais existentes no Brasil;
- Conceituar e ajudar na compreensão do que é preconceito linguístico;
- Relacionar o fenômeno das variações à Gramática.

RECURSOS:

- Projetor;
- Folhas com as atividades impressas;
- Lápis, borracha e caneta;
- Quadro branco e pincel;
- Caixa de som.

DURAÇÃO DAS ATIVIDADES:

- 8H/A.

HABILIDADE DA BNCC (EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma padrão e o de preconceito linguístico.

Atividade 1

Leia a seguir uma tirinha do personagem Chico Bento e em seguida responda às questões:

Texto I



Professor, antes de dar início à atividade, é recomendável fazer uma revisão oral sobre as variações linguísticas e seus tipos, enfatizando a importância do tema e citando valores como o respeito para com as diferentes formas de expressão. É interessante conceituar preconceito linguístico e incentivar uma reflexão.



Fonte: <https://pt-static.z-dn.net/files/d7b/16978f2c5dd51bb392b043abaf70663a.jpg>

a) Qual a variedade linguística utilizada pelas personagens da tirinha?

b) Na sua opinião, como a sociedade vê esse tipo de variedade linguística?

c) Podemos considerar a variedade linguística falada por Chico Bento e Zé Lelé adequada? Explique.



Professor, é importante mencionar que a variedade linguística das personagens não existe somente no ambiente rural, pois é comum pessoas que moram na cidade falarem da mesma forma, o que vem a ser uma linguagem coloquial similar a do campo.

d) De acordo com a Gramática e suas regras, o que podemos perceber nas falas das personagens?



Professor, ao se referir à Gramática Normativa é interessante que peça aos alunos para identificarem as palavras da tirinha que estão escritas de forma inadequada e juntamente com eles escrevê-las no quadro da forma adequada.

e) É possível compreender a mensagem do texto mesmo com inadequações relativas à Gramática? Como você explica isso?

f) Você acha que há alguma espécie de preconceito das pessoas em relação à forma de expressão regional? Explique.

g) Na sua opinião, o preconceito linguístico pode contribuir com algum tipo de exclusão na sociedade em que vivemos? Justifique sua resposta.



Fonte: www.educacao.uol.com.br/ Acesso em: 30.03.2023

Leia o texto abaixo e responda às questões propostas.

Texto II



Fonte: <https://petpedagogia.ufba.br/variacao-linguistica-uma-realidade-presente-nas-escolas/> Acesso em: 20.05.2023

a) Qual a sua opinião sobre a forma que a professora falou com Chico Bento? A atitude dela pode ser considerada preconceito linguístico? Explique.

b) O que a expressão “...quero você o fino no português!” significa?



Professor, após a atividade, inicie uma conversa sobre situações que envolveram preconceito linguístico vividas ou presenciadas pelos alunos.

Texto III

Leia atentamente a tirinha abaixo para responder às questões propostas.



SOUZA, Maurício de. Chico Bento n. 401, junho 2002, p. 4.

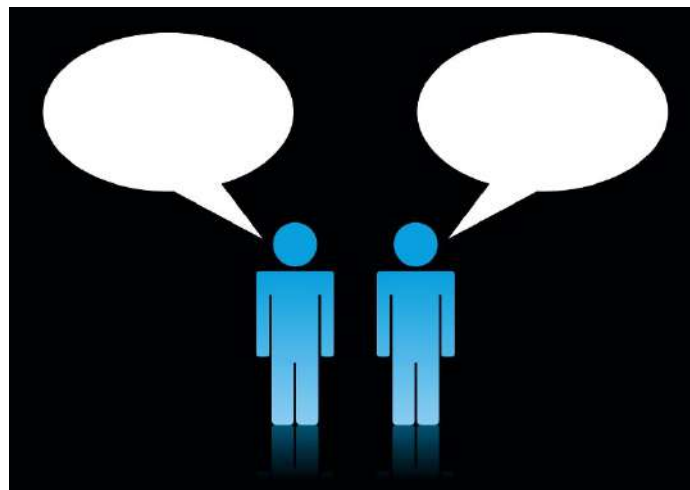
Fonte: <https://www.atividadegratis.com/2022/02/interpretacao-de-texto-variedade.html/> Acesso em: 01.06.2023

a) Na fala de Chico Bento, o autor optou por fazer um registro da língua:

() Formal () Culta () Regional

b) A variedade linguística usada por Chico Bento é o que se chama de "falar caipira" ou "do interior". Em relação à fala de Chico Bento, seria correto afirmar que:

- () Esse jeito de se expressar não gera preconceito linguístico.
- () É uma situação de diálogo informal.
- () Não há comunicação entre as personagens.
- () Essa linguagem é empregada em documentos oficiais.



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1038123/> Acesso em: 01.06.2023

Análise o texto a seguir e responda às perguntas.

Texto IV

Gerente - Boa tarde, em que eu posso ajudá-lo?

Cliente - Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente - Nós dispomos de várias modalidades de crédito.

O senhor é nosso cliente?

Cliente - Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente - Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília?

Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

(BORTONI-RICARDO. S.M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola. 2004).

a) No início do texto, qual o tipo de linguagem usada pela gerente do banco?

() Informal

() Formal

b) Por que houve formalidade no início da conversa?

c) Na sua opinião, o uso da linguagem informal no ambiente de trabalho é adequado? Justifique.



Professor, promova a reflexão sobre o uso de gírias, abreviações e jargões. O objetivo é que fiquem claras as situações de fala e escrita desses termos.

A nossa língua varia em diferentes formas. O gênero música contempla também essa variação linguística, além de representar diferentes grupos e diferentes regiões do Brasil.

Ouçã e depois leia a letra da música “Chopis Centis” do grupo musical Mamonas Assassinas.

Após escutar o áudio com a turma, responda às questões abaixo.

Texto V

Chopis Centis

(Mamonas Assassinas)

Eu di um beijo nela
E chamei pra passear
A gente fomos no shopping
Pra mó di a gente lanchar

Comi uns bicho estranho
Com um tal de gergelim
Até que tava gotchoso
Mas eu prefiro aipim

(...)

Fonte: [Musixmatch](https://www.musixmatch.com/lyrics/mamonas-assassinas/chopis-centis)

Compositores: Júlio Cesar Barbosa / Dinho

a) Você teve alguma dificuldade em compreender a letra da música? Algum termo deixou você em dúvida? Qual?

b) Marque a opção que mostra o tipo de variação linguística utilizada pelo compositor da música.

- () Histórica
- () Regional
- () SituacionalSss

Atividade 2

1- PRODUÇÃO TEXTUAL

Imagine a seguinte situação:

Você está perdido no centro da cidade e precisa de uma informação. A única opção é escrever uma mensagem para alguém. Nesse momento, você pode pedir para duas pessoas: uma delas é seu amigo (ou familiar) e a outra é seu antigo professor de português.

De que forma falaria com cada uma? Provavelmente haverá diferença entre as conversas. Escreva as mensagens.

a. Pedido feito a um amigo ou familiar:

b. Pedido ao antigo professor de português:



Professor, explicar essa variação que ocorre em função do uso que se faz da língua e que depende das condições da situação de comunicação.

2- Alguém da sua família, ou você conhece alguém que é de outra região do Brasil? Percebeu se eles falam de forma diferente da sua? Em caso positivo, preencha o quadro abaixo, escrevendo as diferenças que você notou:

Quem é a pessoa?	De onde ela é?	Quais as diferenças notadas?

3- Em quais situações podemos encontrar a norma padrão de escrita? Marque as opções corretas:

- a) Em um documento enviado pelo fórum da sua cidade.
- b) Em uma troca de mensagens instantâneas entre melhores amigos.
- c) No pronunciamento do presidente em uma revista de economia.
- d) Em um livro de literatura do século passado.

4- Dentre as alternativas abaixo, sublinhe a que está registrada informalmente:

- a. Encontrou-a na rua.
- b. Todos os candidatos participarão do certame.
- c. A maior parte das crianças brincou no parque.
- d. Fui no cinema com a galera.

5- Leia o poema abaixo e escreva o que se pede:

Aula de português

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,

a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

(Carlos Drummond de Andrade. Esquecer para lembrar. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.)

a) Um verso que registre a norma padrão.

b) Um verso que registre a forma coloquial.

Atividade 3

Os anúncios são gêneros textuais que nos estimulam a obter um produto ou serviço. Por onde andamos, na televisão ou na internet são muito comuns.

Fonte: <https://portuguesemplacas.blogspot.com/> Acesso em: 01.03.2023

Atente-se à imagem acima e responda às questões propostas:



a) Você identifica alguma inadequação na escrita deste anúncio? Qual ou quais são elas?

b) Quem você acha que escreveu o texto? Essa pessoa utilizou a linguagem culta ou coloquial?

c) Que palavras do anúncio você acredita que estejam escritas de forma inadequada?

d) Imagine que você é amigo(a) do dono do carrinho de lanche. Como você poderia colaborar para que o texto fique de forma adequada às normas da gramática?



Professor, caso necessário, reforce com os alunos o significado de linguagem culta, formal, padrão, informal e coloquial.



Fonte: [Balões De Fala Banco de Imagens e Fotos de Stock - iStock \(istockphoto.com\)](#)/ Acesso em 31.05.2023

MÓDULO 2

Ausência de concordância de número entre verbo e sujeito

OBJETIVOS:

- Conhecer e reconhecer a concordância verbal a fim de utilizá-la quando solicitado;
- Compreender as inadequações e adequações da concordância verbal em gêneros textuais mais comuns do dia a dia;
- Identificar as formas verbais de cada texto, observando o contexto e fazendo as alterações necessárias.

RECURSOS:

- Slides com imagens dos gêneros textuais;
- Projetor;
- Lápis, caneta e borracha;
- Quadro branco e pincel.

DURAÇÃO DAS ATIVIDADES:

- 4H/A

HABILIDADE DA BNCC (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.



Fonte: www.educacao.uol.com.br /Acesso em: 01.04.2023

Atividade 4

Professor, ative os conhecimentos prévios dos alunos fazendo uma breve revisão sobre as características dos gêneros utilizados nesta atividade.

Os gêneros textuais estão presentes no nosso dia a dia. A seguir, veremos alguns dos gêneros mais comuns na nossa prática de leitura dentro e fora da sala de aula. Analise cada um e responda às questões propostas.



a) O título da notícia ao lado nos mostra dois verbos. Quais são eles?

b) Os verbos encontrados se referem a um único sujeito. Qual é esse sujeito?

c) Você consegue identificar algum desvio de concordância verbal nesse enunciado? Qual?



Fonte: www.goias24horas.com.br/45266/ Acesso em: 01.04.2023

d) Avalie as afirmações a seguir como verdadeiras (V) ou falsas (F).

- () O título da notícia está escrito de acordo com as regras gramaticais.
- () A forma verbal “oferecem” concorda com o sujeito “Redes sociais”.
- () O sujeito “Redes sociais” concorda com a forma verbal “traz”.
- () Para que houvesse a concordância verbal adequada, o verbo trazer deveria estar no plural.

e) Reescreva o título da notícia no espaço abaixo com a concordância verbal inteiramente adequada à regra gramatical.

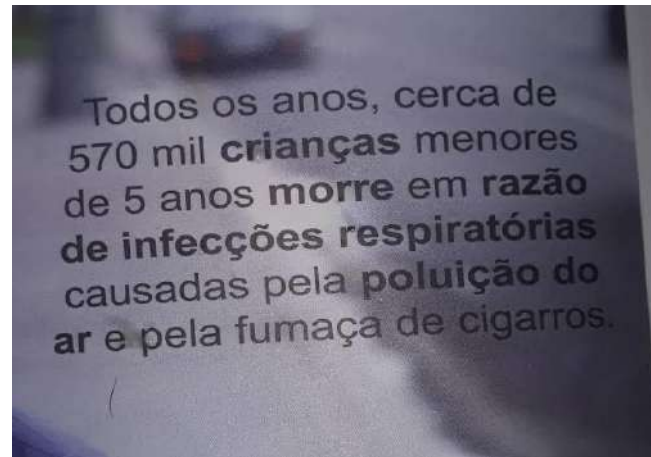
Professor, caso perceba dificuldades de identificação dos verbos, trabalhe com os alunos a relação desse termo com o sujeito.



O cartaz ao lado nos dá uma informação sobre como a poluição do ar prejudica a saúde.

f) Segundo o texto, quem mais sofre com os efeitos da poluição?

g) Após identificar o sujeito da afirmação, escreva abaixo a forma verbal que se relaciona a ele.



Fonte: <https://brainly.com.br/21931350/Acesso em: 01.04.2023>

h) Nessa situação, a concordância verbal foi feita de forma adequada? Explique.

i) Que tipo de inadequação de concordância verbal ocorreu no texto? Marque a opção ideal:

() Concordância de número.

() Concordância de gênero.



Caso seja necessário, lembrar as diferenças entre flexões de gênero e número.



Professor, é interessante que os gêneros sejam, antes de tudo, contextualizados na realidade do aluno. Onde o cartaz poderia ser encontrado e qual a finalidade dele, são pontos importantes a serem discutidos.

Atividade 5

O meme é uma imagem criada para viralizar na internet, composta por texto. É um gênero textual humorístico e/ou crítico bastante atual.



Professor, os alunos podem ser orientados a observarem não só o humor do meme, mas também os aspectos crítico e irônico.



Fonte: www.gerarmemes.com.br/Acesso em: 05.04.2023

a) Após a leitura do meme apresentado, é possível identificar o que gera humor? Justifique.

b) Marque as opções que indicam os desvios gramaticais no texto do meme.

- () “Você precisa[...]”
- () “Nóis vai[...]”
- () “[...] estudar concordância verbal.”
- () “[...] pra aquele lugares.”

c) Reescreva o texto do meme abaixo, ajustando a concordância verbal.



Fonte: www.gerarmeme.com.br/ Acesso em: 03.04.2023

MÓDULO 3

Desvios produzidos por desconhecimento entre -am e -ão no final dos verbos

OBJETIVOS:

- Identificar os momentos em que é necessário usar “am” e “ão” no fim dos verbos;
- Desenvolver condições para que os alunos possam descobrir as regularidades dos verbos terminados em “am” ou “ão”;
- Empregar adequadamente as terminações verbais estudadas, realizando a concordância em pessoa, número e tempo.

RECURSOS:

- Slides dos textos para leitura e reflexão;
- Atividades impressas;
- Projetor;
- Quadro branco e pincel;
- Caderno, caneta, lápis e borracha.

DURAÇÃO DAS ATIVIDADES:

- 8H/A

HABILIDADE DA BNCC (EF06LP11) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais, concordância nominal e verbal, regras ortográficas etc.



Fonte: <https://educacao.uol.com.br/album/mobile/> Acesso em: 03.04.2023

Atividade 6

As placas fazem parte da nossa leitura diária. A compreensão e reflexão desses gêneros são fundamentais para uma vida em sociedade.

a) Leia a placa do veículo, imagine e escreva que tipo de mensagem o autor tentou passar.



Fonte: www.educacaonao1.com.br/ Acesso em: 04.04.2023

b) Você consegue identificar algum desvio na escrita desse texto? Caso identifique, a compreensão da mensagem foi prejudicada? Comente.

c) O texto da placa possui formas verbais. Marque a alternativa que mostra o tempo verbal correto.

() Pretérito

() Presente

() Futuro

d) Escreva abaixo as formas verbais do texto e sua conjugação adequada.



Professor, caso seja possível, utilize o projetor para que todos possam visualizar bem o gênero placa e promova a fala dos alunos quanto às placas normalmente vistas por eles.



Professor, instigue a turma a encontrar as outras inadequações gramaticais do texto, como a acentuação da palavra “varios” e o uso do advérbio “mais”.

e) No caça-palavras a seguir você encontrará os verbos que completarão as frases na sequência. Observe as terminações e o tempo verbal de cada ação, encaixando-as adequadamente.



Fonte: www.educacaouol.com/ Acesso em: 15.04.2023



Sugerimos que ao ler o enunciado da questão, o professor antecipe algumas possíveis dúvidas dos alunos e explique que é necessário fazer a leitura completa da frase para que seja mais fácil situar-se no tempo verbal.

desinteresse da aula anterior.

* Meus amigos _____ o contato com a família desde o temporal da semana passada.

* Os manifestantes _____ em frente à prefeitura na próxima paralisação.

* Os professores _____ alertas aos sinais de

* Anacleto e seus filhos _____ uns sanduíches quando se encontrarem novamente.

* Os bailarinos _____ à Moscou e _____ no festival do ano que vem na Rússia.

* As mulheres da fila _____ um susto durante o acidente com fogos de artifício no dia de ontem no centro da cidade.

* Os jovens atletas _____ de patins e _____ na neve nas próximas olimpíadas em 2024.

* Os brasileiros _____ aos jogos da Copa do Mundo do Catar com esperança, mas não adiantou tanta torcida.

* Os surfistas _____ aquelas ondas gigantes da próxima temporada no Havaí.

Atividade 7

O diário é um gênero textual no qual são registrados acontecimentos do dia a dia, com um texto pessoal e informal. Nele as pessoas podem escrever também suas ideias, sentimentos e ações.

Leia o texto do diário abaixo e complete os espaços com as terminações “am” ou “ão” dos verbos, concordando com os tempos verbais presente, pretérito e futuro.

O piquenique (Waldirene Dias)

Hoje, as crianças realizar um piquenique no bosque da cidade.
Quando lá chegar , organizar tudo com o auxílio do professor Simão.
Não faltou nada, nem mesmo o pão para o café da manhã. Preparar sanduíche para o almoço, com suco de limão.
Brincar , correr , nadar , cantar , e se divertir muito.
Mais tarde, colocar o carvão na churrasqueira e fazer um churrasco legal.
Ficar encantadas com a beleza de um lindo pavão que por ali passava, desfilando com curiosidade.
Ao final do passeio, todas jantar e colocar o lixo num latão do bosque.
A criançada adorou o passeio.
Com certeza, realizar outro piquenique e, novamente, brincar de pega-pega, correr por entre as árvores, nadar no lago azul, cantar suas canções preferidas e se divertir ainda mais...

Fonte: www.slideshare.net/ Acesso em: 15.04.2023



Professor, após essa atividade, sugerimos elaborar, no quadro, com a turma um texto de diário, colocando as ações ditas pelos alunos face ao conteúdo estudado. Ajude-os na adaptação da história.

Atividade 8

Leia o texto a seguir, observe os verbos destacados e complete a tabela abaixo.

BOLA VELHA TAMBÉM DÁ BOM JOGO

Lizette Geny Rando

Uma velha bola encostada, muito suja, abandonada, lembrava seus dias de glória nos jogos da meninada

"Ah! Como esses moleques já **precisaram** de mim... Quanto me **jogaram** no campo, me **arremessaram** pro céu...

Lembro-me daquela tarde de sol, quando me **chutaram** forte e eu

entrei lá no gol. A galera explodiu e eu fui agarrada com alegria. Que folia!

Agora estou aqui, largada. Será que ainda **virão** me buscar? **Sairão** comigo nos braços? Me **colocarão** de novo em seus pés?"

E Rolilda se lamentava, rolava de um lado a outro, às vezes pulava alto para ver se via o seu dono.

Até que um dia começou a ouvir vozes. Quem poderia ser? Não dava direito para ver.

Aparecem uns meninos e, junto deles... Carlinhos! Com a camiseta do seu timão, chuteira e calção.

- Aqui está ela! O jogo está salvo! Joguem fora a bola furada e vamos voltar à pelada!

Rolilda pula contente, dá até um salto mortal:

"Será como nos velhos tempos. Uau!!!"

Fonte: www.miriamveiga.com.br/ Acesso em: 15.04.2023

VERBO	PRETÉRITO	FUTURO
PRECISAR		
	JOGARAM	
		ARREMESSARÃO
CHUTAR		
		VIRÃO
SAIR		
	COLOCARAM	



Professor, caso julgue necessário, revisar oralmente as formas nominais dos verbos: infinitivo, particípio e gerúndio.

Há uma nuvem com a forma verbal que completa cada item. Pinte a opção correta e escreva na lacuna.

✚ Todos os responsáveis _____ assinar a permissão do passeio.

Deverá

Deverão

Deveram

Dever

✚ Semana passada os estudantes _____ sobre a vegetação da nossa região.

Aprender

Aprenderão

Aprenderam

Aprenderá

✚ Mês que vem, os amigos _____ passear no shopping.

Iram

Irão

Irá

Vai

✚ As candidatas _____ durante toda a apresentação.

Cantaram

Cantarão

Cantar

Cantará

✚ Amanhã minhas tias _____ para a família.

Cozinha

Cozinharam

Cozinharão

Cozinhará



Professor, a atividade acima também pode ser feita em forma de quiz, em equipes, valendo pontuação e com alguma premiação ao final do jogo.

Estamos no final deste trabalho, que além de se preocupar com a concordância verbal pautada em regras gramaticais, também abordou a essência social da comunicação. Pudemos perceber que a linguagem é um sistema construído socialmente, que representa uma identidade cultural e que existem alguns princípios importantes no que se refere à linguagem verbal, escrita e sua variação:

- o uso da linguagem deve ser adequado a cada situação de interação, de comunicação;
- nenhuma língua é usada de maneira uniforme por seus falantes;
- o falante nativo pode dominar diferentes variantes linguísticas usadas em seu país;
- todas as variantes linguísticas são formas legítimas de expressão de um povo;
- não há um falar certo ou errado, mas, sim, usos adequados a cada situação de interação social;
- É importante conhecer e saber usar também a norma culta da língua porque ela é necessária em muitas situações de nossas vidas.



Fonte: [Linguistic Variation Banco de Imagens e Fotos de Stock - iStock \(istockphoto.com\)](https://www.istockphoto.com/pt-br/Imagens-e-Fotos/linguistic-variation)/ Acesso em 02.06.2023.

RESPOSTAS-MÓDULO 1

*Atividade 1

Texto I

a) Variedade linguística Regional.

b) Resposta pessoal. Possível resposta:

A variedade linguística regional sofre preconceito, pois muitas pessoas consideram erradas algumas formas de falar e escrever.

c) A variedade linguística falada por Chico Bento e Zé Lelé pode ser considerada adequada, pois atende às necessidades linguísticas dos falantes, ou seja, há a compreensão do que foi dito.

d) Do ponto de vista da Gramática, podemos observar que algumas palavras não estão escritas da forma adequada, principalmente os verbos e os pronomes.

e) Resposta pessoal. Possível resposta:

É perfeitamente possível compreender as falas das personagens, pois há apenas a troca e/ou omissão de algumas letras.

f) Resposta pessoal. Possível resposta:

Existe o preconceito linguístico e ele faz com que a sociedade julgue errada a forma de falar que seja diferente da forma padrão e a variedade regional possui essa característica.

g) Resposta pessoal. Possível resposta:

O preconceito linguístico pode sim excluir o indivíduo socialmente, pode prejudicar sua autoestima e dificultar na busca por trabalho, já que falar um dialeto diferente ou ter um sotaque diferente ainda pode ser um empecilho em situações em que se exige a comunicação formal.

Texto II

a) Resposta pessoal. Possível resposta:

A atitude da professora pode ser considerada preconceito linguístico porque o falar de Chico Bento não é considerado português correto. Ela não considerou a forma regional falada por ele, como uma forma válida.

b) A expressão dita pela professora significa que ela quer que o Chico Bento fale o português em sua forma padrão.

Texto III

a)

() Formal Resposta errada. Registro informal

() Culta Resposta errada. Registro informal

(X) Regional

b)

() Esse jeito de se expressar **não** gera preconceito linguístico. (...gera preconceito...)

(X) É uma situação de diálogo informal.

() **Não há** comunicação entre as personagens. (Há comunicação)

() Essa linguagem **é empregada** em documentos oficiais. (...não é empregada...)

Texto IV

a)

() Informal Resposta errada. Não há termos informais no início do diálogo.

(X) Formal

b) Houve formalidade devido ser uma conversa entre o gerente e um cliente ainda desconhecido. Havia um contato profissional.

c) Resposta pessoal. Possível resposta:

A linguagem varia de acordo com a situação. Em um ambiente profissional, a linguagem formal é prioritária.

Texto V

a) Resposta pessoal. Possível resposta:

Não houve dificuldade para compreender a letra da música, pois a linguagem usada também faz parte do nosso cotidiano.

b)

() Histórica Resposta errada. As palavras utilizadas fazem parte do repertório usual.

(X) Regional

() Situacional Resposta errada. Não há necessidade de linguagem formal no gênero.

*Atividade 2

1-

a) Resposta pessoal. Possível resposta:

Cara, tô perdido no centro! Me ajuda!

b) Resposta pessoal. Possível resposta:

Bom dia, professor! Aqui quem fala é o Júlio, seu aluno do 7º ano na Escola Herondina Lima Cavalcante. Lembra de mim? Estou perdido no centro da cidade e lembrei que o senhor falou uma vez na sua aula que morava no centro. Poderia me ajudar a chegar na minha casa, na Barra do Ceará?

2-

Resposta pessoal. Possível resposta:

Quem é a pessoa?	De onde ela é?	Quais as diferenças notadas?
Meu vizinho	São Paulo	Ele fala com sotaque diferente.
A tia da minha amiga	Interior do Ceará	Ela fala umas palavras que eu não entendo.

Minha professora de matemática	Rio de Janeiro	Ela fala “chiando”.
--------------------------------	----------------	---------------------

3-

- a) Em um documento enviado pelo fórum da sua cidade.
- b) Em uma troca de mensagens instantâneas entre melhores amigos. (Registro informal)
- c) No pronunciamento do presidente em uma revista de economia.
- d) Em um livro de literatura do século passado.

4-

- a. Encontrou-a na rua. (Formal)
- b. Todos os candidatos participarão do certame. (Formal)
- c. A maior parte das crianças brincou no parque. (Formal)
- d. Fui no cinema com a galera.

5-

a)

Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

b)

A linguagem
na ponta da língua

*Atividade 3

- a) Sim. Algumas palavras estão escritas de forma inadequada.
- b) Provavelmente o próprio dono do carrinho de lanches escreveu. Ele usou a forma coloquial.
- c) Os verbos “fazida” e “pida”.
- d) Ele poderia escrever: “Tapioca feita na hora! Quem não pediu, peça!”.

RESPOSTAS-MÓDULO 2

*Atividade 4

- a) Os verbos são: “oferecem” e “traz”.
- b) Referem-se ao sujeito: “Redes sociais”.
- c) Sim. O verbo “traz” está no singular e deveria estar no plural para concordar com o sujeito “Redes sociais”.
- d)
 - (F) O verbo trazer está conjugado inadequadamente. De acordo com a Gramática Normativa, ele deveria concordar com o sujeito que está no plural. O adequado seria “trazem”.
 - (V)
 - (F) O sujeito está no plural e o verbo no singular, portanto não há concordância.
 - (V)
- e)

Redes sociais oferecem vantagens,
mas trazem riscos.

f) 570 mil crianças menores de 5 anos.

g) “morre”.

h) Não. O sujeito está no plural e o verbo também deveria estar.

i)

(X) Concordância de número.

() Concordância de gênero.

Esse tipo de concordância não cabe aos verbos, pois trata de masculino e feminino.

*Atividade 5

a) O humor do meme é gerado a partir da correção feita pelo autor na segunda parte do texto.

b) () “Você precisa[...]”

(X) “Nóis vai[...]”

A opção está incorreta porque o adequado seria “Nós vamos”.

() “[...] estudar concordância verbal.”

(X) “[...] pra aquele lugares.”

A opção está incorreta porque o adequado seria “para aqueles lugares”.

c)

Tá calor, aí você abre a janela e ENTRAM 19 mosquitos, 2 capivaras, 3 baratas, 1 unicórnio e vento que é bom, nada.

RESPOSTAS-MÓDULO 3

*Atividade 6

- a) O autor quis passar a mensagem de que independente de ser querido ou não, todos o respeitam.
- b) Sim, porém a mensagem que o autor quis passar pode ser compreendida.
- c) () Pretérito (X) Presente () Futuro
- d)

gostão gostam

odeião odeiam

respeitão respeitam

- e) Solução do caça-palavras:



*dormirão

*ficaram

*comerão

*dançarão

*tomaram

*andarão escorregarão

*assistiram

*pegarão

*Atividade 7

am	am	am	am	am	am	am	am	am	am
am	am	am	am	ão	ão	ão	ão	ão	ão

*Atividade 8

VERBO	PRETÉRITO	FUTURO
PRECISAR	PRECISARAM	PRECISARÃO
JOGAR	JOGARAM	JOGARÃO
ARREMESSAR	ARREMESSARAM	ARREMESSARÃO
CHUTAR	CHUTARAM	CHUTARÃO
VIR	VIERAM	VIRÃO
SAIR	SAÍRAM	SAIRÃO
COLOCAR	COLOCARAM	COLOCARÃO


 Deverão Aprenderam Irão Cantaram Cozinharão



Fonte: [Pen Paper Banco de Imagens e Fotos de Stock - iStock \(istockphoto.com\)](https://www.istockphoto.com/)/ Acesso em: 02.06.2023

CONCLUSÃO

Mostramos neste Caderno Pedagógico questões para tratar desvios produzidos por confusão entre -am e -ão no final das formas verbais e ausência de concordância de número entre o verbo e o sujeito, desvios esses aliados à Sociolinguística, utilizando e valorizando gêneros textuais comuns vinculados ao universo do aluno do Ensino Fundamental. Almejamos que ele sirva de apoio ao professor de Língua Portuguesa que busca por um material complementar para aplicar em suas aulas. Nosso propósito é ofertar um material atual e alinhado à BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para que o professor trabalhe de forma mais específica, a concordância verbal à luz da Sociolinguística, e possibilite aos seus alunos um conhecimento fortalecido, de modo que escrevam com propriedade os verbos na concordância adequada da norma culta da língua portuguesa e, conseqüentemente, sintam-se seguros em situações que necessitem usar este conteúdo em sociedade. É possível dizer que este material poderá contribuir nas aulas de ortografia, de professores do ensino fundamental II e também EJA (Educação para Jovens e Adultos), conforme a necessidade. Portanto, professor, aproveite esta sequência de atividades que foram elaboradas de forma específica sobre determinadas dificuldades comuns de concordância verbal! Que elas correspondam as suas necessidades e expectativas. Desfrute!!!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Esquecer para lembrar**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

ARMARINHO FOGAÇA. Disponível em: <https://www.armarinhofogaca.com.br> /Acesso em: 01.04.2023.

ATIVIDADES GRÁTIS. Disponível em: <https://www.atividadegratis.com/2022/02/interpretacao-de-texto-variedade.html>/ Acesso em: 01.06.2023

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____. **Preconceito Linguístico**. *Revista Presença Pedagógica*. V. 14, n. 79, jan./fev. 2008.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educar é a base. Comitê Gestor da Base Nacional Comum Curricular e reforma do Ensino Médio. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BORTONI-RICARDO. S.M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola. 2004

BRAINLY. Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/42230476/> Acesso em: 29.03.2023.

BRAINLY. Disponível em:

<https://pt-static.z-dn.net/files/d7b/16978f2c5dd51bb392b043abaf70663a.jpg>/ Acesso em: 29.03.2023.

CARRAHER, T. N. Explorações sobre o desenvolvimento da competência em ortografia em português. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 1, n. 3, p. 269-285, 2012.

CEJA VIRTUAL. Disponível em: <http://cejarj.cecierj.edu.br/ava/> Acesso em: 31.05.2023.

DEPOSIPHOTOS. Disponível em: <https://br.depositphotos.com/> Acesso em: 27.02.2023.

EDUCAÇÃO UOL. Disponível em: www.educacao.uol.com.br/ Acesso em: 01.04.2023.

ENEM NOTA100. Disponível em: <http://enemnota100.blogspot.com/2007/08/variantes-linguisticas-variao-linguistica.html/> Acesso em: 02.06.2023.

FERREIRA, F. CORREA, J. Consciência metalinguística e a representação da nasalização na escrita do português brasileiro. **Revista CEFAC**, v. 12, n. 1, p. 40-50, 2010.

FREEPIK. Disponível em: <https://br.freepik.com/> Acesso em: 27.02.202.

GERARMEME. Disponível em: www.gerarmemes.com.br/ Acesso em: 05.04.2023.

GOIÁS 24H. Disponível em: www.goias24horas.com.br/45266/ Acesso em: 01.04.2023.

ISTOCKPHOTO. Disponível em: Balões De Fala Banco de Imagens e Fotos de Stock - iStock (istockphoto.com)/ Acesso em 31.05.2023

ISTOCKPHOTO. Disponível em: Pen Paper Banco de Imagens e Fotos de Stock - iStock (istockphoto.com)/ Acesso em: 31.05.2023

ISTOCKPHOTO. Disponível em: Linguistic Variation Banco de Imagens e Fotos de Stock - iStock (istockphoto.com)/ Acesso em 02.06.2023.

MUSIXMATCH. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/> Acesso em: 20.05.2023.

MÍRIAM VEIGA. Disponível em: www.miriamveiga.com.br/ Acesso em: 15.04.2023

MOTA, M. E. Considerações sobre o papel da consciência morfológica nas dificuldades de leitura e escrita: uma revisão da literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 2, 2008.

MANGUEIRA, R. JR.; CARVALHO, Márcia. Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil; **Veredas** – Revista de Estudos Linguísticos | E-ISSN: 1982-2243 | v.24, n.3, 2020.

PORTUGUÊS EM PLACAS. Disponível em: <https://portuguesemplacas.blogspot.com/> Acesso em: 01.03.2023.

SLIDE SHARE. Disponível em: www.slideshare.net/ Acesso em: 15.04.2023.

VIEIRA, Silvia Rodrigues (Org.). **Gramática, variação e ensino**: diagnose e propostas pedagógicas. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2017a.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Três eixos para o ensino de gramática: uma proposta experimental. In: NORONHA, Claudianny Amorim; SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de (Orgs.). **Escola, ensino e linguagens**. Natal: EDUFRN, 2017b.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; LIMA, Monique Débora Alves de Oliveira. (Orgs.). **Variação, gêneros textuais e ensino de português**: da norma culta à norma padrão. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2019.